

O HABILIDOSO

A história do potiguar Raymundo de Brito, cardiologista e braço direito do presidente Café Filho



MALASSADA?

Tem lá no Lalarilar

CLIIJA CHAIT

A seridoense que acontece na alta gastronomia de Los Angeles



PARAÍSO NA TERRA

As belezas de Alagoas voltam à crista da onda

FOR ALL

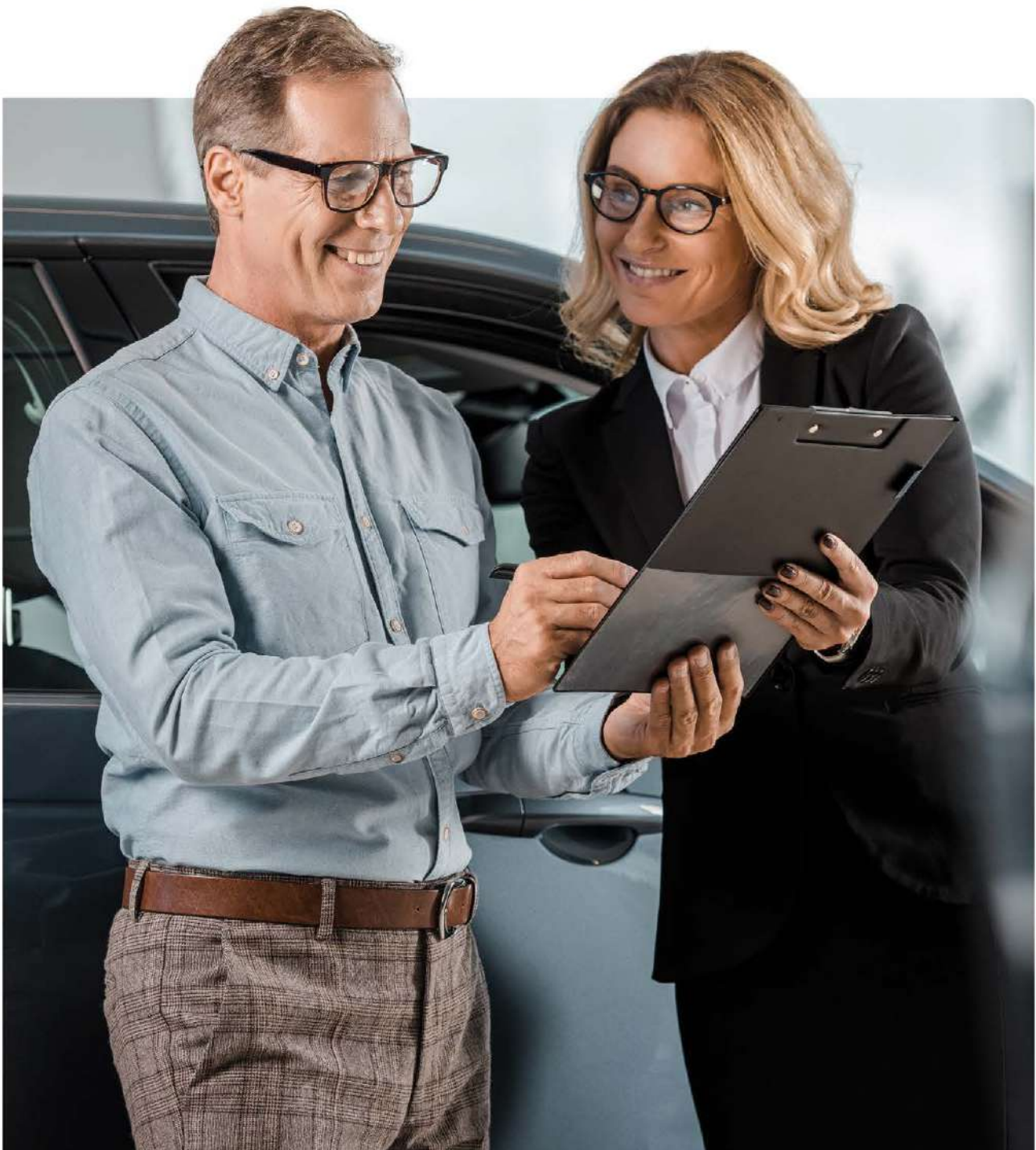
O grande festival de dança do RN se reinventa e será virtual

O SURPREENDENDOR

O JOVEM ALLYSON BEZERRA PROMOVE REVIRAVOLTA EM MOSSORÓ. ELEGEU-SE DEPUTADO ESTADUAL E TIROU DE CENA NOMES TRADICIONAIS DA OLIGARQUIA POLÍTICA. VITORIOSO NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS, É HOJE O PREFEITO MAIS NOVO DA HISTÓRIA DO MUNICÍPIO. E TAMBÉM O PRIMEIRO EVANGÉLICO

Nós temos as melhores oportunidades *para você*

O **Sicredi** é o parceiro ideal para acompanhar e ajudar você em todas as suas conquistas. De forma responsável e transparente vamos, juntos, organizar a sua vida financeira.



Neste início de ano conte conosco, seja para você ou para sua empresa, temos diversas opções de produtos e serviços que se adequam a cada momento da sua vida.

Pode ser **crédito** para os habituais compromissos de início de ano e para realizar aquele sonho antigo, **consórcio** para trocar de carro ou casa, ou **investimento** ideal para planejar o seu futuro. Tudo isso com taxas justas e sem complicação nenhuma.

E muito mais:

 Conta Corrente	 Cartões	 Pix	 Máquina de Cartões
 DDA	 Financiamento de Energia Solar	 Recebimentos	 Pagamentos
 Previdência	 Seguros	 Débito Automático	

Além disso, você pode contar com toda a praticidade dos nossos **canais de relacionamento**:

 Internet Banking	 Aplicativo	
 Caixa Eletrônico	 WhatsApp Sicredi	E ainda pode nos encontrar nas agências.

Todas as soluções contam com a nossa consultoria financeira.
Vem conversar com a gente e saber mais.

  @sicrediriograndedonorte

SAC Sicredi: 0800 724 7720
Deficientes auditivos ou de Fala: 8000 724 0525
Ouvidoria Sicredi: 0800 646 2519

sicredi.com.br



NOVOS TEMPOS

As surpresas nas urnas de eleições continuam. E chegaram a Mossoró, município onde a tradição das oligarquias políticas ainda continuava fortalecida. Até que apareceu o jovem Allyson Bezerra para mudar o cenário. E vem de uma origem que hoje em dia muito importa na hora de votar: humilde. Aliada ao currículo sem nódulos de irregularidades com a coisa pública.

Allyson superou os votos da ex-prefeita Rosalba Ciarlini - que já foi senadora e governadora do Rio Grande do Norte - e chegou à cadeira de comando do Palácio da Resistência como o mais jovem prefeito da história mossoroense. E também como o primeiro prefeito evangélico. Ou seja: quebrou dois paradigmas, digamos assim.

De Mossoró, a jornalista Lúcia Rocha enviou a matéria de capa para esta edição da Bzzz. Foi lá que ela conversou com o atual prefeito até então eleito, dias antes da sua posse. Queríamos saber o antes e as pretensões e sua história. E o depois contaremos adiante.

Você já ouviu falar em Raymundo de Brito? Deve saber de nome de rua no bairro de Lagoa Nova, em Natal. Pois bem, nosso querido acadêmico Ivan Lira conta a história desse potiguar que teve imensa importância não apenas para o RN, mas também para o Brasil. Além de cardiologista, foi conselheiro e anfitrião do presidente contrerrâneo Café Filho.

Conheça Clia Chait, a seridoense de Currais Novos, criada em Cerro Corá, que é sucesso nas alta gastronomia dos Estados Unidos, especificamente onde moram os famosos: Los Angeles. Sabe o que é malassada? Milena Neves revela em sua romântica coluna Lalarilar. Sabrina Mahler está encantada pelas praias alagoanas. E nos enche de dicas maravilhosas. Em tempos de pandemia, o For All Festival de Dança se reinventa e será virtual. Saiba como. E doce leitura.

Eliana Lima - Editora



PUBLICAÇÃO:

JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE

ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS

www.bznnoticias.com.br

 @revistabzzz

 Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,

CRÍTICAS E ELOGIOS

revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA

ELIANA LIMA

elianalima@portaldaabelhinha.com.br

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO

TERCEIRIZE EDITORA

www.terceirize.com

COMERCIAL

EDILÚCIA DANTAS

(84) 99109 9678

COLABORADORES

IVA CÂMARA, IVAN LIRA DE CARVALHO,

LÚCIA ROCHA, SABRINA MAHLER,

TIAGO CAVALCANTI, TIANA COSTA

CAPA

CÉLIO DUARTE

JÁ FEZ A CARTEIRA DE Estudante 2021?

Vantagens da CIE 2021



O que PRECISA?

RG, CPF, R\$ 25,00*
CADASTRO ATUALIZADO

*Valor até 31/03/2021



MEIA PASSAGEM



MEIA ENTRADA
GARANTIDA
POR LEI*



ACESSO
AO CLUBE DE
DESCONTOS
NATALCARD



RECARGA DO
SEU CARTÃO

Faça sua **Carteira de Estudante 2021** da
Une, Ubes e ANPG nos **postos NatalCard**
e adquira na hora ou solicite pelo
App Meu NatalCard e receba em casa.



Baixe agora
App Meu NatalCard

Disponível em:



FAÇA JÁ A SUA!

Peça também a sua pelo site:

PORTALDOESTUDANTENATAL.COM.BR

*A Lei Federal Nº 12933/2013, garante o benefício do pagamento de meia-entrada para estudantes, pessoas com deficiência e jovens, de baixa renda, com idade entre 15 e 29 anos.

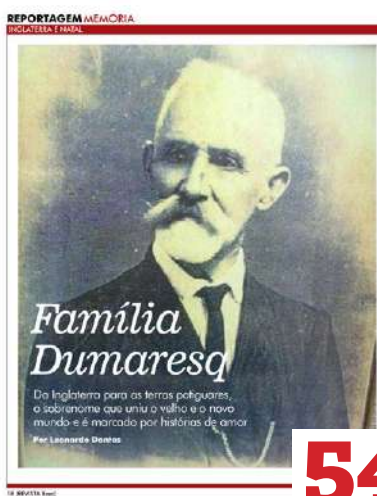


natalcard.com.br
(84) 3026-8450





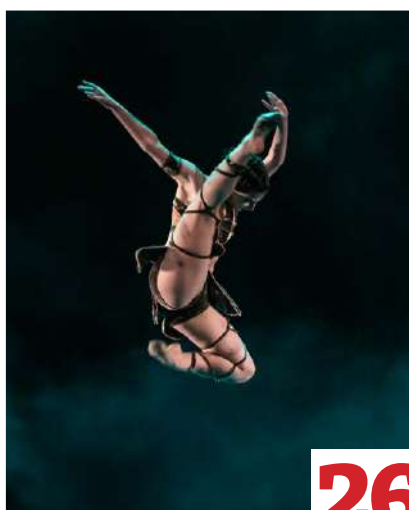
20



54



8 | AS LISBOETAS



26



60



24 | VIAJANDO COM SABRINA MAHLER



32



66

74 | ARTIGO



Unimed
Natal

ANS - nº 335559-2

100% POTIGUAR. 100% NO RN.
Seja potiguar de carteirinha você também
Ligue 3220.6200

CLIQUE AQUI
Seja Unimed Natal

HIDRATE-SE *sempre*

**Potiguar de carteirinha sabe curtir
o verão numa boa**

E, se precisar, estamos aqui para cuidar de você:
Teleconsulta • APP • Rede credenciada
• Médicos cooperados





ELIANA LIMA

eliana.lima@portaldabelhinha.com.br

OS ALTOS LISBOETAS

Você sabia que Lisboa é considerada a cidade das sete colinas? Reza uma das lendas que era para se assemelhar com as grandes inclinações de Roma, a capital italiana.

Os sete montes são visíveis desde a chegada a Lisboa pelo Rio Tejo. Contudo, todavia, há quem defenda que uma colina foi esquecida. Especialmente a mais alta da capital portuguesa: a da Graça, encoberta pelo Castelo de São Jorge.



Numa das colinas, o Castelo de São Jorge

AOS MONTES

A primeira referência feita às colinas surgiu no século 17, na obra "O Livro das Grandezas de Lisboa", do frei Nicolau de Oliveira. Na sua assinatura, aparecem as colinas de São Jorge, São Vicente, São Roque, Santo André, Santa Catarina, Chagas e Sant'Ana.



Vista que se tem do belo imóvel histórico na Estação do Rossio. As colinas sempre presentes, por onde se anda em Lisboa



Vista por cima da Av. da Liberdade. PS.: as gruas indicam que Lisboa está em franco desenvolvimento imobiliário

ESPECIFICAÇÕES

Das colinas descritas pelo frei, a de São Jorge fica o glorioso castelo, de onde se defende o surgimento do primeiro povoado, que originou Lisboa. Fortaleza que resistiu a muitas batalhas. No seu entorno, o bairro da Mouraria e uma pequena parte de Alfama.

No alto de São Vicente de Fora se visita Alfama e o convento erguido no lugar que existiu um templo de homenagem ao mártir.

Sant'Ana é a mais central. Antes definida pelos leitos das antigas ribeiras de Valverde e Arroios, hoje deram lugar à badalada Av. da Liberdade.

Em Santo André se pode apreciar casas e palácios construídos há séculos.

A das Chagas tem uma grande subida que leva ao Largo do Carmo, onde está a Igreja das Chagas, em homenagem às feridas de Jesus Cristo. Representa, assim, as dificuldades do homem para chegar ao seu destino.

Santa Catarina, mártir, também é conhecida como Miradouro do Adamastor, onde no centro tem uma estátua do mítico gigante referido por Camões no Os Lusíadas.

No São Roque fica o efervescente Bairro Alto. No topo, aquele que é considerado um dos miradouros mais bonitos – e visitados: São Pedro de Alcântara. Antes, chega-se à Igreja de São Roque, santo dos inválidos e dos cirurgiões.

LUXO

Lisboa também é a cidade dos sabores estrelados. Quando 2019 chegar já serão 26 estrelas Michelin brilhando nos restaurantes da capital ao norte. No dia 21 de novembro aconteceu a grande festa do Oscar da gastronomia, em concorrida festa no Pavilhão Carlos Lopes, na Praça Eduardo VII. A soma de mais estrelas no poderoso guia elevou Portugal a seis restaurante com duas estrelas, e 20 com uma, cada.



Divulgação

No berço da nacionalidade portuguesa, Guimarães, o restaurante n'A Cozinha agora brilha com uma estrela

DE SABORES

Sob os holofotes, o badalado jovem chef Henrique Sá Pessoa ganhou a segunda estrela para o seu restaurante Alma, no Chiado. E duas gratas surpresas ganharam um brilho, cada, em cidades que nunca tiveram restaurantes distinguidos. Um é no centro histórico de Guimarães, cidade berço da nacionalidade portuguesas: n'A Cozinha, com as caçarolas sob o comando de António Loureiro. O outro fica na cidade que ostenta belo castelo: Bragança. Estrela para o restaurante G Pousada, na Pousada de São Bartolomeu, projeto dos irmãos Óscar e António Gonçalves.



O belo G Pousada, com vista para o Castelo de Bragança, também foi a agradável surpresa para a gastronomia do norte de Portugal

AINDA NÃO DEU

E não vieram as esperadas três estrelas. Assim, Portugal continua sem nenhum restaurante com três brilhos. A expectativa era de que o Belcanto, do ilustre chef José Avillez, no Chiado, e o Ocean, do chef austríaco Hans Neuner, no Vila Vita Parc, Algarve, ganhariam a honraria. Mas não passou das expectativas. Também não vingou a aposta da primeira estrela para a cozinha criativa do Euskalduna Studio, no Porto, do chef Vasco Coelho Santos. Nem a segunda estrela para o Feitoria, de João Rodrigues, no Altis Belém, em Lisboa, de frente para o Tejo.

ENFIM!

Não vieram as mais estrelas esperadas, mas este ano nenhuma foi perdida.

ENCANTOS

E o belíssimo Resort Penha Longa, em Sintra, agora tem dois restaurantes no Guia Michelin. Além do estrelado Lab, de Sergi Arola, que ganhou a distinção na edição de 2017, o japonês Midori, sob a chefia de Pedro Almeida, passa a ter uma estrela.



Divulgação

O belo Resort Penha Longa ostenta dois restaurantes estrelados



Ivan Lira de Carvalho

Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do RN e da Academia de Letras Jurídicas do RN. Professor da UFRN e Juiz Federal

RAYMUNDO DE BRITO

Baluarte da saúde pública e da previdência social

“**S**ubindo pela avenida Antonio Basílio, logo que passar a Ruy Barbosa, a primeira rua à direita é a Ministro Raymundo de Brito”. Esta é a indicação de endereço situado no bairro de Morro Branco, na capital do Rio Grande do Norte. A rua é até fácil de achar; mas, o homenageado, quem foi? Cuida-se de um renomado cardiologista potiguar, com carreira construída no Rio de Janeiro e sedimentada na gestão pública de saúde, com âncora política que o colocou com firmeza no cenário nacional.

Veio à luz em Natal, a 20 de julho de 1909, filho do casal Francisco Xavier Pereira de Brito e Áurea de Moura Brito, ele maquinista da rede ferroviária e ela do lar. Irmão caçula de Oscar e Lourdes. A educação básica fez na cidade em que nasceu, frequentando o Grupo Escolar Augusto Severo, o Colégio Marista e mais adiante o Ateneu. Na sequência, foi estudar no Rio de Janeiro, obtendo graduação na Faculdade Nacional de Medicina em 1934, indo trabalhar no Hospital da Cruz Vermelha, onde permaneceu até 1953, em brilhante carreira na área de cardiologia e cirurgia cardiovascular, esta última uma especialidade embrionária no Brasil.



Raymundo de Brito,
foto oficial como
Ministro da Saúde

Nesse período, além de consultório particular, Raymundo de Brito dedicou-se à pesquisa e à docência, lecionando na mesma instituição que o formou. Com vida profissional intensa, trabalhava também como examinador do Hospital dos Servidores do Estado, do qual assumiu a diretoria-geral em 1947 (ficando até 1951), impulsionando o estabelecimento como um centro de excelência de formação e aprimoramento de médicos-residentes, à época o melhor do país.

De 1950 a 1954 dirigiu a *Inter-American Hospital Association*, instituição com ligações à Organização Mundial de Saúde e à Organização Pan-Americana de Saúde, para onde carrou experiência apanhada em várias áreas, inclusive assistencial, pois já em 1941 fundara no Rio a Policlínica dos Pescadores, conforme noticiado no Correio da Manhã de 11 de setembro 1955, ao ensejo do aniversário daquele serviço mantido pelo Ministério da Agricultura.

Habilidoso nos relacionamentos sociais e desfrutando da amizade do seu conterrâneo Café Filho, de quem era cardiologista particular, foi na sua residência que o então Vice-Presidente da República resolveu dormir na atribulada noite que antecedeu ao suicídio de Getúlio Vargas, perpetrado na manhã de 24 de agosto de 1954. Fugia Café do assédio dos jornalistas e dos políticos inoportunos, o que abalava a saúde do seu coração, indo



Colégio Marista de Natal, onde Brito foi aluno



O Hospital dos Servidores, no Rio, com equipe médica de renome internacional. Ao centro, o diretor Raymundo de Brito



Inauguração do majestoso prédio do Hospital dos Servidores. Ao centro, Alcides Carneiro e Raymundo de Brito. 1947

medicar-se na casa de Raymundo de Brito, local que terminou sendo transformado em residência oficial provisória do primeiro mandatário da nação naqueles primeiros dias de transição conflituosa de poder.

O próprio Café historia no livro “Do Sindicato ao Catete” (Rio, José Olympio Editora, 1966): “No mesmo instante, de acordo com o que me contaram os que se achavam na Casa de Raimundo de Brito, o jovem José Félix – em cuja cama eu dormia – indiferente às ordens de silêncio e às advertências maternas de D. Inês, corria pálido pelas salas, num inquieto subir e descer de escadas, a gritar nervosamente: - Papai! Papai! O rádio está dando que o Presidente Getúlio se suicidou! // A primeira reação de Raimundo de Brito e do meu secre-

tário particular, Oséias Martins, foi de estupefação e descrença. Não, aquilo não era possível. // Mas veio a confirmação, sucinta e tremenda: sim, Getúlio acabava de dar um tiro no coração. O Brasil era de repente palco da tragédia imensa e raríssima de um Chefe de Estado que se elimina, fazendo recordar o caso Balmaceda” (vol. 1, p. 349).

Mais adiante, na mesma obra, o relato da intimidade de Brito com o poder que se instalara em uma vespéral de convulsão social, nos passos trôpegos da formação de um ministério de improvisos: “Na confusão reinante nas Laranjeiras, trancamo-nos em uma pequena sala para o almoço improvisado. Sentaram-se comigo Nereu, Bernardes Filho, Raimundo de Brito, Reginaldo Fernandes, Elmano Cardim e Ivo de Aquino”

(vol. 2, p. 369). Foi nesse contexto, de acotovelamento de parlamentares, apadrinhados de última hora, jornalistas curiosos e marqueteiros de toda sorte que Brito inaugurou uma modalidade sanitária de reunião de poderosos: “Faltava um local isolado para os saudar e escutar, sem a espreita, a ronda, a devassa e indiscrição dos presentes.// Raimundo de Brito resolveu o problema reunindo os deputados e senadores no banheiro do Palácio, aonde fui ter com eles; o ambiente era impróprio mas a peça era ampla e a ocasião excepcional” (vol.2, p. 375).

A vinculação de Brito ao novo Presidente da República, aliada à sua experiência na implantação e administração de serviços de saúde, o credenciaram à presidência do IPASE, a mais impor-



Praça Dom Vital, 512, Cidade Alta, Natal: aqui nasceu e morou Raymundo de Brito, casa hoje habitada pela sua sobrinha Marly de Brito



Raymundo Pacheco de Brito, um dos seis filhos do biografado. Economista e desportista de pesca oceânica. Morreu em 1984, aos 39 anos

tante instituição previdenciária da União, cargo em cujo exercício permitiu que fosse concluída e inaugurada a sede da autarquia em Natal, na Esplanada Silva Jardim, um magnífico exemplar da arquitetura funcional moderna, entregue ao público e ao funcionamento em dia festivo de 1955.

É sabido que o governo Café Filho foi pontilhado de conflitos políticos e de disputa de poder do começo ao fim, perpassando por altos e baixos na saúde do Presidente. Pois nesse contexto coube a Brito, com uma junta de outros médicos, atestar a necessidade do afastamento de Café do mais elevado posto nacional, para internação e tratamento no Hospital dos Servidores, em 2 de novembro de 1955, compondo também, a 21 do mesmo mês, a outra junta que atestou a saúde do homem para retornar ao cargo. Mas aí os conspiradores não mais permitiram, pois tinham tomado fôlego no mando.

Concluído o período de Café Filho na Presidência da República, poucos dias depois Raymundo de Brito agastou-se com o novo Ministro do Trabalho e pediu as contas da Presidência do IPASE. Retornou às suas cirurgias, ao seu consultório e à sua produção científica e acadêmica. Institucionalmente irrequeto, entre 1959 e 1961 presidiu o Colégio Brasileiro de Cirurgiões, foi Vice-Presidente da Associação de Docentes da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil e Secretário do Serviço Social da



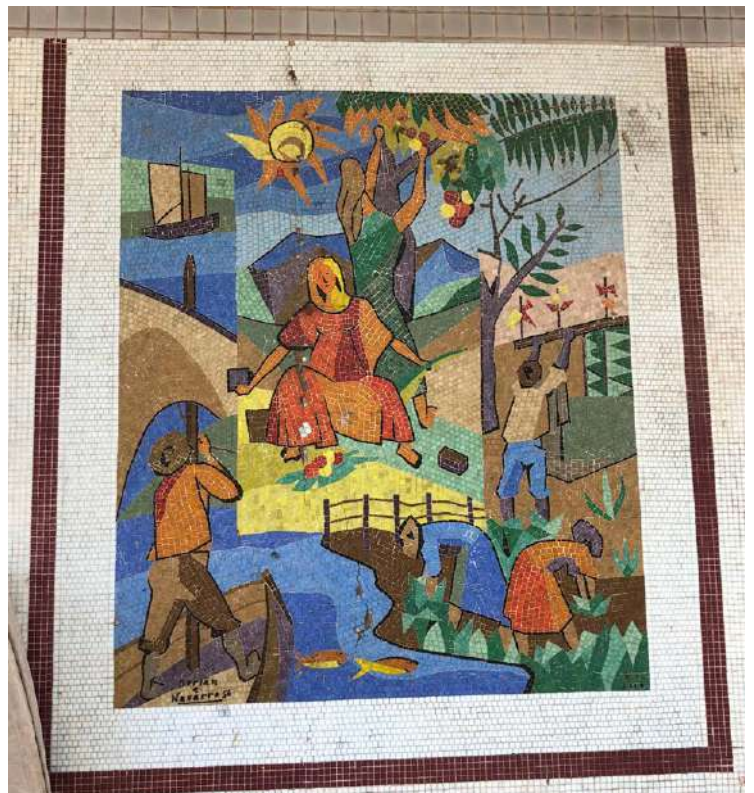
Durante o período do potiguar Café Filho na Presidência da República, o IPASE foi dirigido por Raymundo de Brito



Marechal Castelo Branco, Presidente da República de 1964 a 1967, teve Raymundo de Brito como Ministro da Saúde em todo o seu governo



Edifício do IPASE em Natal, na Esplanada Silva Jardim, inaugurado em 1955 pelo Presidente Café Filho, quando Brito presidia a instituição. Era o mais arrojado prédio da cidade, em arquitetura moderna, com oito pavimentos e painel de Newton Navarro e Dorian Gray Caldas



Cruz Vermelha Brasileira, além de integrar outros espaços, como a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

As eleições na Guanabara em 1962 conduziram Raymundo à Assembleia Legislativa, de onde foi convocado pelo Governador Carlos Lacerda para o cargo de Secretário Estadual de Saúde. O episódio político de 31 de março de 1964, com a deposição de Jango e a assunção da Presidência da República por Castelo Branco, também mexeu com as atividades de Brito, indicado que foi pelo la-
cerdismo para compor o minis-

tério militar, esteado na sua boa fama de gestor hospitalar e previdenciário. Na pasta da saúde permaneceu até o fim do governo Castelo, em 1967. Nesse ínterim, quando dos preparativos para a sucessão de Lacerda no governo da Guanabara, teve o seu nome cogitado para o cargo, conforme pronunciamento do próprio mandatário na TV Excelsior no dia 21 de março de 1965, em material que está disponível para consulta no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Não vingou.

Encerrado o seu período como Ministro da Saúde, dedicou-se à

atividade médica privada, através da rede Rio Clínicas, dinamizando também as publicações científicas (quase trezentos títulos em sua vida profissional) e dando especial atenção à Cadeira 03 da Academia Nacional de Medicina, por ele ocupada desde 1953.

Foi casado com Ignez Felix Pacheco de Brito, enfermeira e filha do ex-Senador Félix Pacheco (que dá nome ao instituto de identificação e estatísticas da polícia civil carioca), com quem teve seis filhos.

Faleceu a 6 de janeiro de 1988, no Rio, estando sepultado no Cemitério São João Batista.



Carlos Lacerda, em cujo governo na Guanabara Brito foi Secretário da Saúde



Jornalista e Senador Félix Pacheco, sogro de Raymundo de Brito



No comando das caçarolas



CLIJA CHAIT

A seridoense faz história no mundo da alta gastronomia dos EUA

Por Iva Câmara | Fotos: Arquivo Pessoal

Clija Chait é exemplo do protagonismo potiguar em terras estrangeiras. Quando se trata de alta gastronomia, a restaurateur vem ganhando cada vez mais espaço e trabalhando com chefs de renome. Nos últimos anos, tornou-se sócia de alguns dos maiores restaurantes de Los Angeles e São Francisco, tais como Tesse Restaurant, Tesse Cafe, Bou-tellier Wines e Tartine Bakery.

Em breve, a bela potiguar vai

mostrar a comida e o tempero genuinamente brasileiros ao coração cultural dos Estados Unidos: Los Angeles. No Restaurante Caboco, que é uma parceria com o premiado chef brasileiro Rodrigo Oliveira e com o renomado restaurateur americano Bill Chait, que soma mais de 30 anos de experiência e com quem Clija é casada. Para fechar com chave de ouro, também faz parte desse time outro grande chef brasileiro: Victor Vasconcellos.

DO SERIDÓ PARA O MUNDO

Nascida em Currais Novos e criada no município de Cerro Corá, aos 18 anos Clija foi morar em Natal, onde teve suas primeiras experiências de trabalho na área da gastronomia. Aos 24 anos se mudou para São Paulo, onde enriqueceu sua carreira no ramo e iniciou trajetória como empresária. Na época, trabalhou na adminis-

tração e gestão de restaurantes italianos.

Em 2016 foi viver em Los Angeles e iniciou sua carreira de promotora de eventos privados, em parceria com o marido Bill Chait. Passou também a realizar eventos voltados para a moda, tendo como clientes algumas personalidades e celebridades em Hollywood.

EMBAIXADORA EM CERRO CORÁ

Da sua infância em Cerro Corá, Clija lembra com frequência das primeiras experiências com a gastronomia nordestina e que ainda inspiram a sua forma de cozinhar. “A base do que sei fazer aprendi com meu pai e minha mãe na minha infância. Com orgulho, uso aquelas técnicas até hoje, não só ao cozinhar, mas também para passar a experiência gastronômica que acredito para clientes, amigos e familiares. Nada me alegra mais do que ver a casa de uma família com a mesa farta. Nós que vivemos períodos de seca no sertão valorizamos cada grão. Sinto saudades

das nossas iguarias nordestinas, mas me completo também vivendo, aprendendo e degustando em novas gastronomias com as quais tenho trabalhado”.

A restauranteur é hoje Embaixadora da Leitura da Biblioteca Vivaldo Pereira, em Cerro Corá, a convite da pedagoga Alizandra Assis. “Lembro-me das pessoas que me deram a mão, me ajudaram e me levantaram para que eu conseguisse alcançar meus sonhos e objetivos. Saí de Cerro Corá, porém com o intuito de voltar e poder ajudar e inspirar jovens e adultos que, assim como eu, são filhos de agricultores e

não tiveram a oportunidade de ver um mundo além do que o sertão proporciona”.

Ela diz que junto com o convite veio a idealização do projeto de leitura dentro da biblioteca, que hoje possui um importante acervo de livros. “Meu intuito é continuar levando para a cidade as experiências educativas que tenho vivido pelo mundo. Nosso próximo projeto é abrir a primeira galeria de arte da cidade com reproduções de obras de Michelangelo, Monet, Picasso, Van Gogh, dentre outros artistas, inclusive obras de artistas locais”, conta.





Chef Clíja Chait em momento holofotes

COZINHANDO PARA AS ESTRELAS

Uma das paixões de Clíja Chait é cozinhar para os amigos. Ela acredita que a gastronomia é uma forma de acolher e unir as pessoas. Um dos mais recentes jantares que ofereceu foi para o amigo e ator hollywoodiano Edi Gathegi, que estrelou filmes que foram sucesso de bilheteria no mundo, como as sagas de Crepúsculo e X-Men.

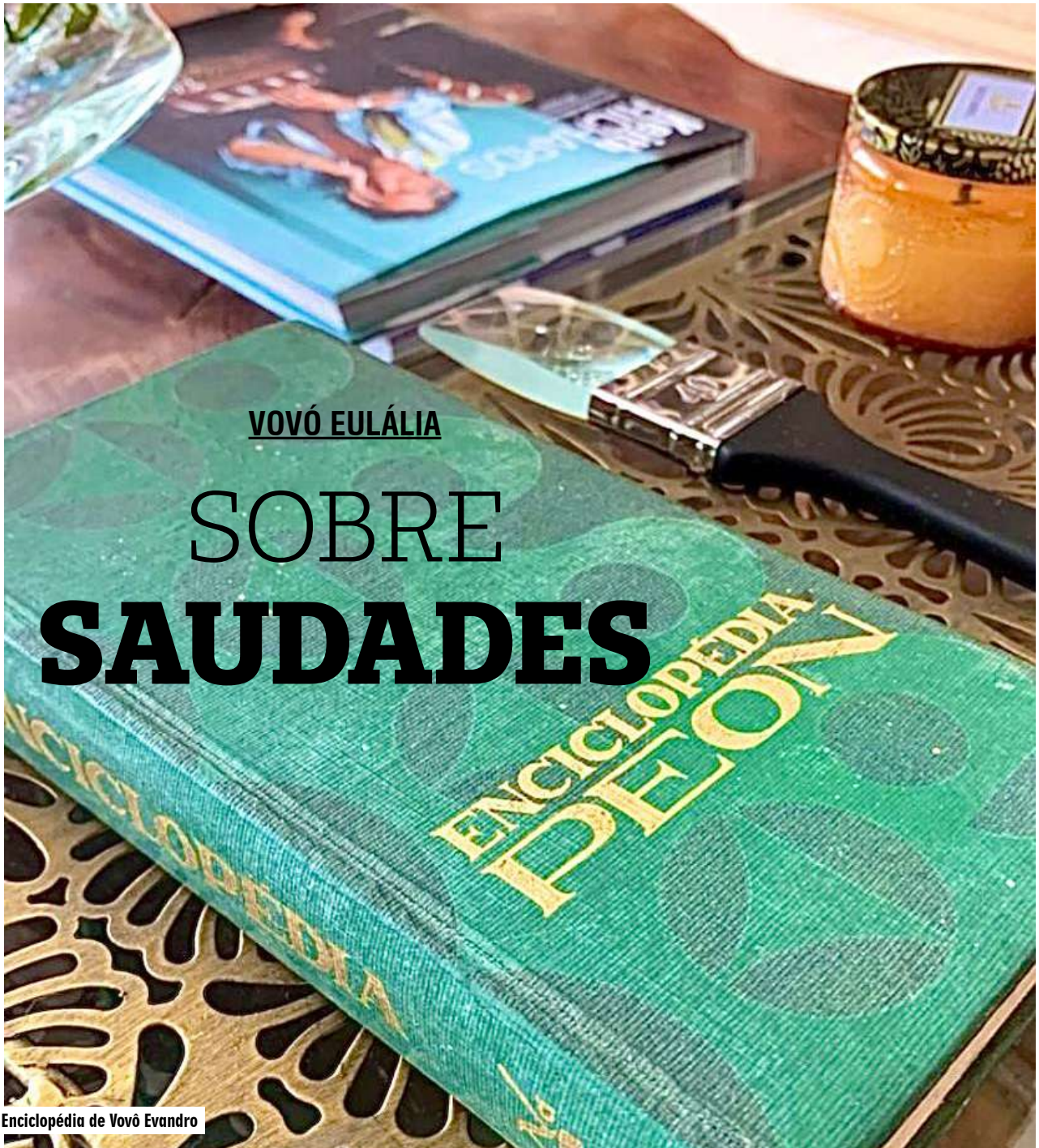


**Potiguar Clíja Chait
oferece jantar ao
astro Edi Gathegi**



MILENA NEVES

milaneves@icloud.com



VOVÓ EULÁLIA

SOBRE SAUDADES

Enciclopédia de Vovô Evandro

E escrevo este texto, tão querido quanto doído, numa manhã de domingo.

Do terraço da casa de praia, olhando o mar e imersa nos seus sons de calma, ouço baixinho músicas que uma amável senhora, com carinha daquelas avós bem avós, ouve no terraço da casa ao lado. Há cerca de dez dias, ela repete o ritual: senta-se na cadeira da mesa com visão para o mar e liga o sonzinho do seu celular, sempre com músicas gaúchas. Às vezes, cantorola, às vezes, batuca levemente os dedos na mesa. Mantém um olhar contemplativo e um leve

sorriso, mesmo quando está totalmente sozinha. Hoje ela ouve repetidamente uma canção que diz assim:

“Ai, ai, ai,
ai, ai, aaaa,
a madrugada que passou
não volta mais...”

Aos meus olhos, ela vive momentos de saudade e paz. Desejo que de uma vida bem vivida.

Quando criei o Lalarilar, destaquei no nome a expressão LAR, por ligar lar a memórias afetivas, daquelas que apertam o coração em nível máximo, nos

fazendo suspirar. Todo mundo tem uma, e hoje quero falar sobre a do doce de leite da minha bisavó Eulália. Assim, vamos viajar para São José de Piranhas, no alto sertão da Paraíba.

Da cozinha de Maria Eulália, o cheiro do doce na panela se espalhava pela casa alta de janelas verticais imensas. Exalava para o jardim, que invadia a casa pela lateral, quase que como um cômodo interno, repleto de roseiras coloridas, tão floridas como espinhosas. Não era uma casa de fazenda. Ficava no coração da cidade, ou era o coração da cidade...



Massalada

Vovó Eulália me lembra um sorriso fixo, muito amável, que virava gargalhada fácil. Uma cadeira de balanço, terço na mão. Muito ouro nos brincos, anéis, pulseira e colar. Vestidos de linho clarinhos. Voz firme. Ela efetivamente coordenava tudo a sua volta. Num raio imenso, as coisas e pessoas pareciam orbitar segundo seus desígnios e controle, mas de forma linda e leve. Dela saiu uma linhagem de mulheres muito fortes e altivas.

Certa vez, um padre de fora perguntou a um senhor de São José de Piranhas quem era a padroeira da cidade, ao que o senhor, muito simples, respondeu: “eu tenho pra mim que é Dona Maria Eulália!”



Doce de leite



A casa



Sr. Arconcio e Dona Eulália

Ouvi essa história em uma missa em João Pessoa, contata pelo padre, lá do altar, ao avistar Vovó Eulália no primeiro banco. Eu amava levá-la à missa quando ela estava na capital. Íamos só nós duas. Era o meu momento sozinha com aquela mulher tão concorrida.

Lá no sertão, a cozinha onde o doce era mexido tinha um piso vermelho, em minha memória, ladrilhado. Dois fogões, sendo um a lenha. Um paineliro de chão com dezenas de caçarolas de alumínio bem brilhantes penduradas. Não tinha janelas, mas duas portas. Uma porta dava para a sala de jantar, com cristaleira e porcelanas cor de vinho com doutorado e copinhos

de cristal. Acho que a porcelana já vinha de minha tataravó, Mãe Tana. A outra porta dava para uma copa meio aberta e um alpendre. Do outro lado do alpendre ficava o armazém de solas de couro do meu bisavô, que se abria para a rua de trás.

Cruzar a casa e armazém, entrando por uma rua e saindo pela outra, me dava a sensação de cruzar o mundo. Sábia criança! Ali, naquela estrutura de afetos imensos, estava todo o meu mundo.

Voltando ao doce, a receita hoje é feita por minha amada tia avó Valdiria. A consistência é de um creme firme e fofo, meio aerado. A cor é bem clara, quase cor de leite. Na família, bradamos que doce de leite claro con-

tém mais leite que açúcar, sendo, assim, mais nobre e saboroso o doce sertanejo nordestino que os concorrentes argentino marrom escuro ou o mineiro cor de caramelo. O nosso é o suprassumo, e esteja dito.

Da panela de tia Valdiria, o doce é dividido hoje como já fazia Maria Eulália ontem, em latas de leite em pó (retirados os rótulos, higienizadas, ficam lindas e brilhantes). As latas cheias seguem do alto sertão para a capital em caixas de papelão amarradas com cordas, e são distribuídas entre a família sob clima de alta concorrência. As latas conservam o doce por muitos e muitos dias. Não sei quantos, pois o meu acaba em

poucos, mas a teoria dos muitos dias defende o uso das históricas latas.

A casa alta de floreiras coloridas viu crescer minha avó Vanderlita e seus sete irmãos. Dois partiram esse ano para junto de vovó Eulália, havendo um partido ontem, e talvez por isso tanta saudade em mim. Desses oito ramos de Maria Eulália, saíram lembranças e afetos que me formaram.

Na casa cheia e na mesa posta para comer “malassada” (omelete típico da reagirão) e vatapá de galinha de capoeira (galinha caipira) estão minhas referências primeiras de lar. Não havia regras de mesa posta naquele lar sertanejo, mas havia uma imensidão de amor, barulhos e cheiros. Havia gente entrando e saindo a todo tempo, como uma festa sem fim. Havia cheiro de sertão, cheiro de couro do armazém, cheiro de rosas. Havia vida, tanta vida!

Tudo me veio hoje na cabeça e coração com a canção da casa ao lado. “A madrugada que passou não volta mais...”

Meus anos bem vividos carregam muitas saudades. A criança que cruzava casa e armazém se debate aqui no peito, e a mulher sente que o tempo pode sim ser tão cruel! Ah se a madrugada que passou voltasse...

O que nos resta é perpetuar o conceito de lar. Lar é construção afetiva, para além de uma linda



Brownie

casa ou de luxos. Havemos de quebrar as friezas de um hoje de tanta estética e regra vivendo e revivendo afetos. Encher a casa, construir barulhos, tumultos, espalhar cheirinho de receitas, não daquelas bem modernas, mas daquelas de família.

Difícilmente seremos casas com roseiras, fogão a lenha, portas abertas, oito filhos, trinta netos e sessenta bisnetos. Aí me pergunto: como reproduzir o amor do passado com os números do hoje? Como não morrer de saudade e não sentir medo de não viver à altura?

Não conseguirei deixar a resposta aqui. Escrevi tanto, apenas para confessar as saudades. Mas deixarei, no quadri-

nho ao lado, pequenos feitos e hábitos meus que conservam o ontem mais perto dos olhos e do coração. Sim, há felicidade hoje. Muita! Mas sim, há saudade. Ela inspira, faz suspirar, faz sorrir mas dói no peito.

Por fim, dedico este texto a Irapuan Sobral, uma mente brilhante e coração lindo de São José de Piranhas, que homenageou meu tio Valber em sua partida compondo uma linda canção.

Dedico também à senhora do terraço ao lado, em gratidão por tantos momentos de paz e contemplação que me exalou e inspirou. Não trocamos mais que bom dias, mas ela foi a parte mais linda do meu verão.

experimente
É GRÁTIS

Acesso ilimitado a
dezenas de publicações

**Informação rápida,
simples e barata.**

As principais revistas,
jornais e livros em um só lugar!



boraler
publicações digitais

www.boraler.com.br







FESTIVAL

REINVENTANDO-SE NA DANÇA

EM TEMPO DE PANDEMIA, PRODUTORA POTIGUAR
PROMOVE FESTIVAL DE DANÇA ONLINE COM
PARTICIPANTES DE TODO BRASIL

Por Tiana Costa | Fotos: Lux Fotografia

Já diz o dito popular: O Show não pode parar! É, mas a pandemia pegou o mundo de surpresa e muita coisa parou. Readaptar-se foi preciso. Ou melhor, adaptar-se a uma nova realidade. E nesses tempos cada vez mais tecnológicos, o mundo virtual tem sido grande aliado, responsável por permitir que a maioria dos setores retome suas atividades.

Seguindo essa realidade, a Tanz Produções – empresa familiar, genuinamente potiguar, focada na área da dança - realizará no próximo dia 20 de fevereiro o **For All Festival de Dança**, totalmente online e gratuito, com transmissão via YouTube. Festival que tem o apoio financeiro da Lei Aldir Blanc Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto,

Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Secretaria Especial da Cultura, Ministério do Turismo e Governo Federal.

Pois bem! A programação do *For All* conta com Mostra Infantil - não competitiva - e Mostra Competitiva. O ex-bailarino Domingos Costa, um dos idealizadores do projeto que dirige a Tanz Produções e é diretor-geral do **For All Festival de Dança**, que não cruzou os braços diante do surpreendente, só comemora, antes mesmo do evento acontecer. “Abrimos as inscrições no dia 8 de janeiro e em 18 de janeiro as vagas para a Mostra Competitiva foram todas preenchidas e as inscrições encerradas antes do prazo, previsto inicialmente para encerrar dia 31 de janeiro”, conta eufórico.



Danças Populares do 4º Tanz Festival de Dança. A 5ª Edição não aconteceu por causa da pandemia

VAMOS LÁ!

Saber mais sobre esse festival de dança que nas edições presenciais reuniu no Teatro de Parnamirim (RN) expressividades da área de todo o Brasil, e que neste ano continua no mesmo formato estelar, só que virtualmente.

Batemos um bom papo com Domingos Costa, que tem borbulhas de ideias e projetos na mente, somadas ao bom humor e muito sorrisos.

Bzzz – De onde surgiu a ideia de realizar um evento como o For All Festival de Dança em plena pandemia?

DC – Durante a pandemia, alguns festivais de dança online foram tomando forma. A nossa diretora Administrativa Raissa Costa participou ativamente na organização e formatação de dois grandes festivais durante essa fase. Além disso, fomos observando o desenvolvimento de outros eventos, a adesão dos participantes, a necessidade deles existirem para os fazedores da dan-

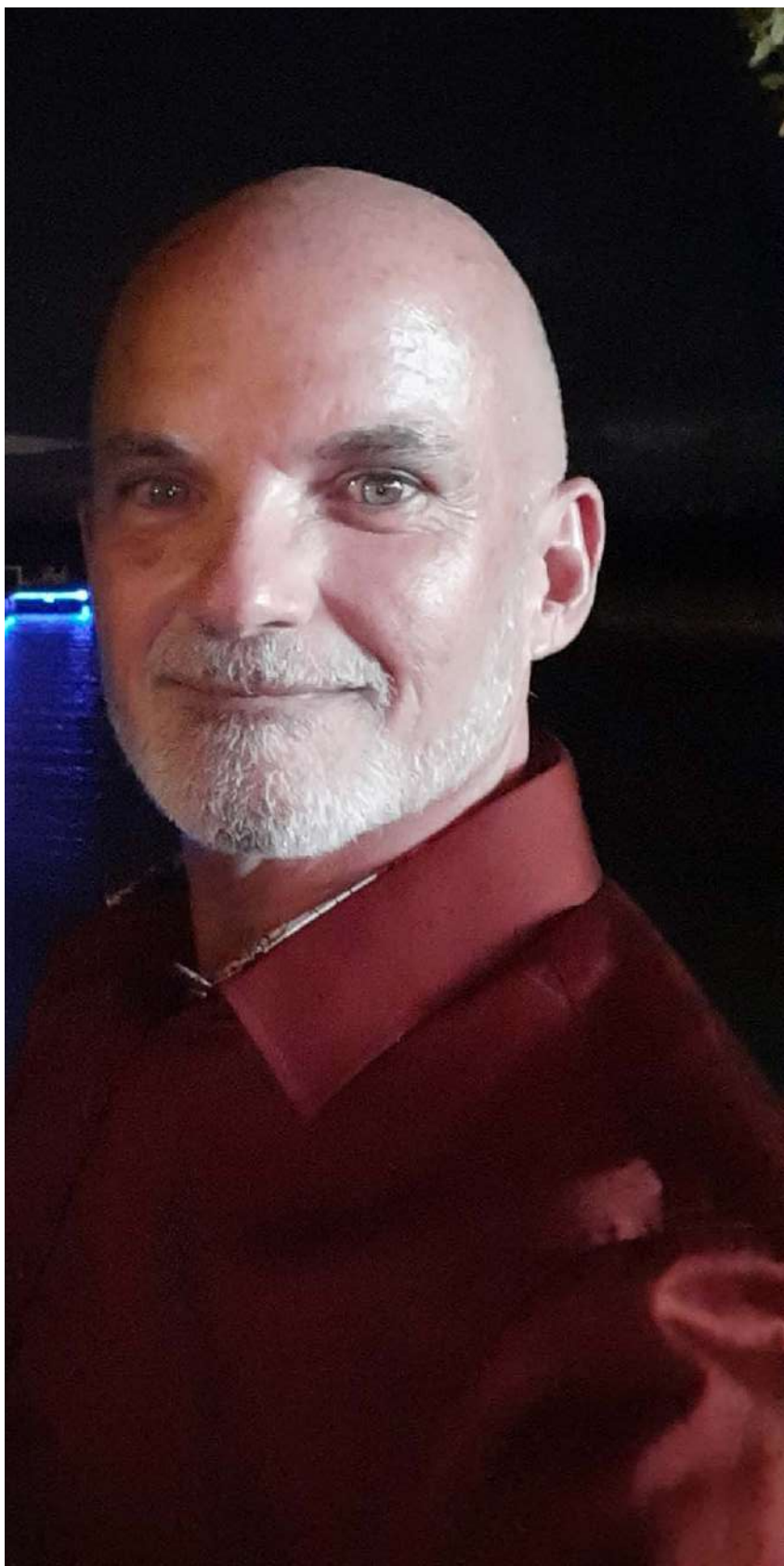
ça (coreógrafos, bailarinos, donos de escolas de dança etc) e para o público em geral. Constatamos que era muito urgente atuarmos neste segmento. Tínhamos a responsabilidade de produzir um festival que abrangesse um número considerável de pessoas e público. Quando abriu o edital da Fundação José Augusto com a Lei Aldir Blanc, vimos a oportunidade de realizar o nosso próprio festival online usando a experiência que temos em produzir um festival de dança de grande porte presencial.

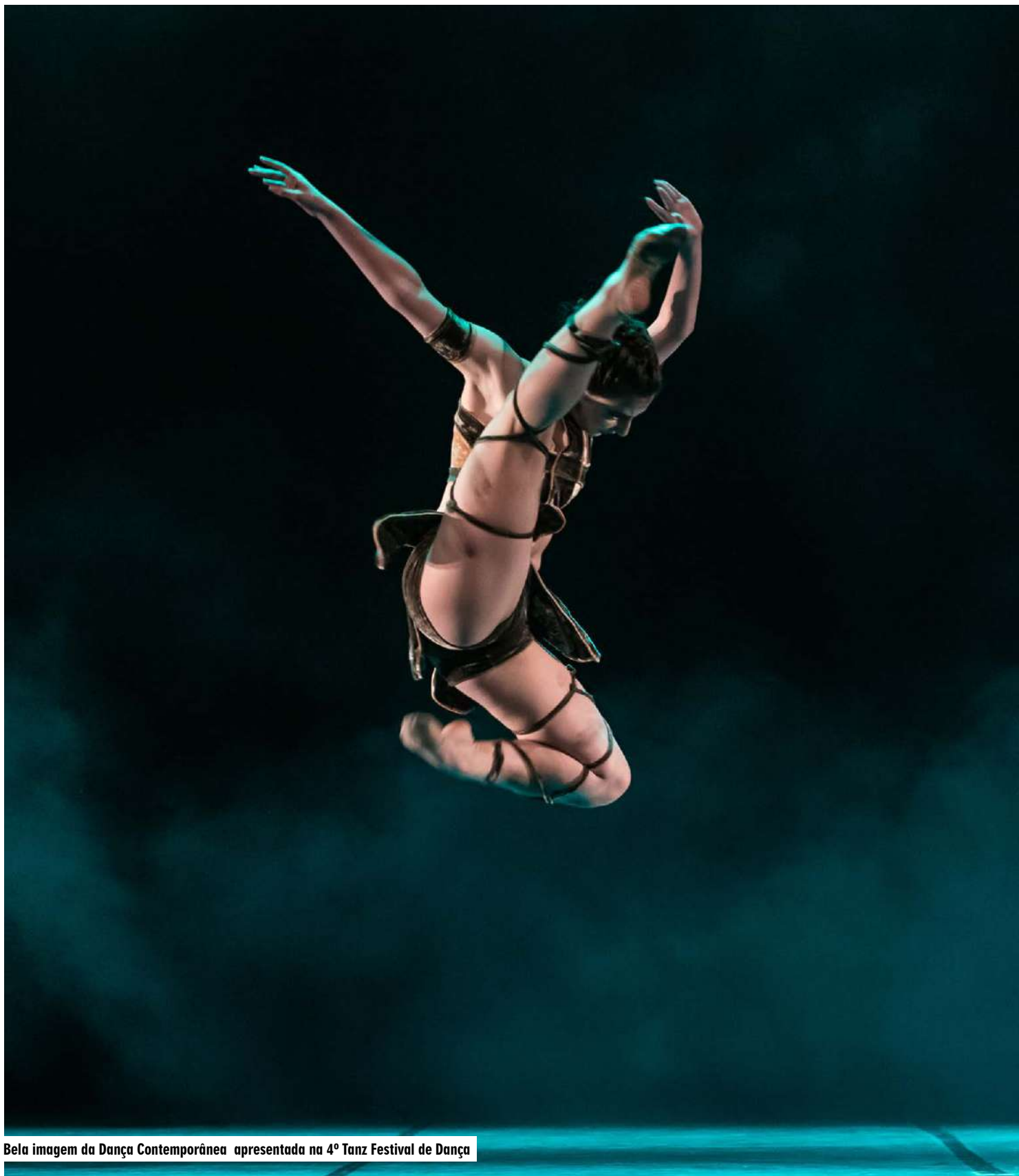
Bzzz - E a repercussão do festival?

DC - Logo que lançamos o festival e abrimos as inscrições a adesão foi imediata e em 10 dias preenchemos todas as vagas disponíveis para realização do festival. Recebemos inscrições de toda parte do país: AM, BA, CE, GO, MG, MS, MT, PB, PE, PR, RJ, RN, SC, SP. O For All vai proporcionar um belo espetáculo, uma excelente programação para toda família. Basta acessar o youtube do For All Festival de Dança (<https://bit.ly/YtbForAll>)

Bzzz- Como serão a logística dos bailarinos que participarão das mostras competitivas e

DC - No ato da inscrição online - feitas por bailarinos, coreógrafos, donos de escolas de dança, numa página exclusiva do festival -, o participante envia o link da coreografia. Este link será encaminhado para os jurados analisarem os vídeos, avaliarem com notas de cinco a 10 e fazerem comentários individuais para cada trabalho. Esses comentários são importantes para o crescimento artístico dos participantes. No dia do festival, após a apresentação de cada bloco (previamente definidos na programação), serão revelados os resultados. Os primeiros, segundos e terceiros lugares serão contemplados com troféus digitais, mas todos os participantes receberão certi-





Bela imagem da Dança Contemporânea apresentada na 4º Tanz Festival de Dança

ficado. Haverá também premiação em dinheiro para a melhor coreografia de cada bloco. O interessante de um festival como este é que o jurado não vai precisar se deslocar de sua cidade para participar do evento. Assim como os bailarinos estarão em suas casas assistindo todas as apresentações. Para o bailarino, a transmissão online representa uma vitrine, pois seu trabalho poderá ser acessado por pessoas do mundo todo.

Bzzz – Quem são os jurados e como foi feita a seleção?

DC – Os jurados são escolhidos pela diretora artística do festival, Rosa Costa, que tem carreira profissional aqui no Brasil, nos EUA e na Alemanha. Convidamos cinco experientes jurados: Maria Eunice de Oliveira, Maitre e Ensaíadora do Ballet Guaíra (PR), com carreira profissional na Alemanha; Fernanda Guimarães, responsável pelo elenco dos shows da Tui Cruises, empresa com sete navios sediada em Berlim; Pedro Pires, ex-diretor do Ballet da Cidade de Niterói, ex-diretor do Ballet Guaíra, atualmente morando em Nova York; Luiz Roberto, coreógrafo, professor de ballet clássico, contemporâneo e pilates, no Recife; Kaique Barbosa, premiado em vários festivais nacionais e internacionais, iniciou sua carreira nas danças urbanas, estudou ballet clássico, ex-bailarino da São Paulo Cia. de Dança (SP).

Bzzz – Reinventar-se diante de uma pandemia? Que dicas para quem trabalha no setor de eventos?

DC – Bem, estamos fazendo o que é possível na nossa área. Festival presencial só será possível com segurança após uma imunização segura. Então partimos para o online, remoto, mas trazendo ao máximo a emoção que o presencial proporciona. Divulgando os resultados com a surpresa, apenas na hora da transmissão, conseguiremos um resultado bem emocionante para os participantes. O meu posicionamento

em relação a eventos presenciais é aguardar o avanço da vacinação e o resultado que ela trará. Estou otimista que, num futuro próximo estaremos de volta atuando com totalidade, colocando eventos novamente nos teatros.

DC – Crianças de 6 a 9 anos fazem dança como atividade lúdica e desenvolvimento motor e artístico, e devem ser motivadas a dançar sem pressão e cobrança de um resultado. Devem dançar por prazer. Quando crescem um pouco mais, podem ser proporcionado um melhoramento técnico e então a competição pode auxiliar.

Bzzz – Qual o cenário da diversidade da mostra competitiva e como vem sendo a interação dos gêneros?

DC – O mundo da dança e sua atuação artística e cultural é muito vasta. Todos estes gêneros de dança têm suas especificidades e atuações no meio da sociedade, desde pura diversão até a atuação nas produções cênicas de grandes espetáculos de danças profissionais. Um festival de dança tem o objetivo de aproximar estes gêneros de dança e proporcionar a troca de informações entre eles, trazendo um enriquecimento artístico para todos.

Bzzz – Como está o cenário da dança no Brasil atualmente?

DC – O Brasil sempre foi, é e será um celeiro de artistas bailarinos. Temos grandes talentos espalhados pelo mundo, atuando em companhias de dança. Temos excelentes coreógrafos e as companhias brasileiras representam o nosso país com muita classe. Precisamos de leis e estruturas mais fortes e estáveis que favoreçam a produção artística brasileira, especialmente a dança, de forma constante e ininterrupta, independente de mudança de governo. A arte é necessária para uma sociedade. É um veículo que mantém esta sociedade equilibrada e proporciona a ela a oportunidade de apreciar o belo, e assim manter sua esperança viva.





MESAS DE MARIA

Entre o requinte e o imaginário

Por Thiago Cavalcanti | Fotos: Dalianny Galvão

O conceito do que tradicionalmente se entende por requinte e bons costumes faz-se perceber no imaginário das pessoas como um território longínquo, alheio ao comum e até improvável. Antes, era assim. Hoje, não mais. O ano de 2020 marcou a história e a trajetória de muitos. Aliás, de quase todos no mundo. Doenças, perdas, o tal (novo coronavírus), a covid-19 e reinvenção. De quase tudo.

E foi exatamente nesse cenário que surgiu o projeto do livro Mesas de Maria, da escritora potiguar Maria da Graça Ferreira de Souza de Viveiros, conhecida carinhosamente entre familiares e amigo por Dagraça. O respeito ao seu nome e sobrenome se constitui como uma das heranças da autora pelo DNA dos seus pais. Entre o requinte e o imaginário, a autora lançou na ensolarada segunda-feira do dia 21 de dezembro de 2020, a obra que continua sendo o assunto nas rodas de conversas e nos alpendres dos veranistas dos litorais norte e sul do Rio Grande do Norte.

Em sorrisos, Dagraça também

conta histórias. “Os franceses diziam que a mesa deveria ter os cinco sentidos: paladar, para sentir o gosto dos alimentos; olfato, para sentir o cheiro dos molhos; visão, para ver a beleza dos pratos; tato, para sentir a consistência dos alimentos. E a audição? Eles inovaram criando o brinde com as taças onde se ouve o tilintar dos cristais. O sentido que mais me aguça é a visão. As porcelanas me deixam em êxtase, sobretudo as antigas. E com a paixão pelas louças surgiram as mesas”.

E mais uma vez unindo a tradição com o compartilhamento de educação e comunicação feito atualmente, Dagraça conta como tudo começou. “Publiquei, certa vez, no Instagram uma mesa de um jantar para amigos, por sinal a foto faz parte de capítulos do livro. Muitas curtidas e elogios. Uma amiga me perguntou: Por que você não faz um livro das suas mesas? Sem saber se faria ou não, comecei a fotografá-las. Várias vezes, antes dos convidados chegarem, já com a mesa pronta”. A amiga citada é Tânia Paranhos, que, a propósito, gentilmente prefaciou o livro.





Em um dos textos, a amiga e incentivadora Tânia Paranhos versa a oração da Ave Maria e narra com entusiasmo. “Sua versatilidade é espantosa: promove um jantar a francesa com a mesma facilidade com que monta um *happy hour* para as amigas. Nada é difícil ou demorado. Mas que não se tenha ilusões: nada ali é fruto do acaso. A escolha de cada item de suas mesas demanda planejamento, organização, equilíbrio e “mão na massa”. É de uma riqueza de detalhes que captura o olhar e pede tempo pra explorar”. Tão detalhado quanto o prefácio é a apresentação, redigido pelo jornalista Vicente Serejo, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras (ANRL), que percorre a cultura, a arte e a história, garantindo uma interpretação diferenciada ao tema mesas postas.

A história de Maria autora é parecida com a de muitos escritores. Formada em Letras no ano de 1979 pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), coleciona títulos na carreira profissional e na vida pessoal. Em 1970, foi aprovada em primeiro lugar no concurso para professora de ensino médio da Educação Estadual do RN, e em segundo lugar nos concursos que selecionaram-na para professora de língua francesa do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) e professora da UFRN. Na carreira universitária foi coordenadora do curso de Letras; vice-diretora e diretora eleita do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), por quase uma década. Também lecionou na Aliança Francesa, em 1974, e durante seis anos atuou como

professora da Universidade de Brasília (UNB).

Se antes da pandemia a juventude rejeitava tudo o que fosse tradicional – como as mesas postas –, foi durante a pandemia que as mesas postas voltaram a ser o tema mais comentado nas redes sociais. “A pandemia do novo coronavírus provocou mudanças nas relações interpessoais em 2020. Um deles foi o estímulo à convivência familiar – em razão da quarentena –, que ampliou o olhar dos que estavam em casa, adaptando a novos formatos de se relacionar com maior tempo em casa e dedicados à família, principalmente nos momentos das refeições. E foi assim que percebemos que seria importante compartilhar nossas louças e nosso jeito de receber nas mesas do dia a dia”, diz Dagraça Viveiros.

No livro, a autora retrata muito de suas recordações. A busca incessante pelo conhecimento - iniciada aos 15 anos, quando era estudante no Rio de Janeiro - juntou-se aos estudantes dos colégios católicos do estado e na Europa, encantou-se com a língua e cultura francesas, e por dois meses estudou francês para estrangeiros no Instituto Católico de Paris. No segundo momento de contato com o berço da cultura europeia fez estágios, um deles para professores da América do Sul. A lista de cursos presenciais de imersão em francês permaneceu durante toda a sua vida e, além de intensificar o conteúdo, reforçaram a fonética que resultou no francês fluente, tão presente nas páginas do seu livro.

Voltando a ele, o livro *Mesas de Maria* tem espaço para tudo. Recordações, dicas e conexões. Entre mesas postas, decoração e louças colecionadas pela autora, as 124 páginas encantam os olhos. As fotos foram produzidas por Dalianny Galvão, que fotografou os encontros da família da autora, eternizando as memórias contadas no livro. Acompanhado das imagens, o trabalho impecável da editora com selo potiguar Jovens Escribas. “Temos hoje mais de 200 livros publicados nos últimos 15 anos de atuação no Rio Grande do Norte e contribuimos com a execução do projeto, produzindo um material de excelência, atendendo ao minucioso nível de exigência da autora. O resultado deixou a



Elegância, bom gosto, elequência

todos da editora muito felizes”, comemora Carlos Fialho, escritor e diretor da editora.

Em um dos trechos do livro, Dagraça comenta: “Numa tarde fria nada melhor do que um chá das cinco. O costume tradicional tem origem na Inglaterra, quando as famílias - principalmente mulheres - se uniam para conversar e degustar chá. Com porcelana Brennand (adquirida no museu em Recife-PE) de cor branca com friso largo em ouro e iniciais do meu pai, JFS, a louça foi encomen-

dada para a minha primeira comunhão. Bules, leiteira, açucareiro, travessas, xícaras. Todos feitos com o mesmo capricho. O samovar em prata (de origem russa, peça com fogareiro para manter quente a água para o chá) e o bule para chocolate com alça em marfim aquecem as nossas tardes. E as nossas almas. Biscoitinhos, pães, queijos e um realce especial para o bolo de morangos. Queijeira e biscoiteira ostentam a beleza do cristal Saint Louis. Um mergulho na cultura e no sabor europeu”.

Além do destaque nas mesas detalhadas nos capítulos do livro, a novidade do lançamento foi formato *drive-thru* com a assinatura da agência Verbo Eventos, da competente empresária Sylvia Serejo. O pioneirismo do formato foi a maneira de “estar perto e ao mesmo tempo cumprir as regras de saúde e segurança na prevenção e combate ao vírus”, como solicitado pela autora. “Cumprimos todas as regras, com distanciamento, uso de máscaras e álcool. As pessoas ficaram em seus carros e eu autografei prontamente

com carinho, um a um”.

Uma das apreciadoras do *Mesas de Maria*, a juíza Mirtes Bezerra comenta a satisfação na leitura. “Encantei-me com as mesas de Dagraça Viveiros, que ilustram o livro *Mesas de Maria*. O livro, que nos remete a momentos especiais da autora, permite-nos apreciar mesas lindas, com as mais finas louças, porcelanas dos mais icônicos e históricos fabricantes do mundo, alguns só encontrados hoje entre colecionadores, bons antiquários e acervos de famílias, além de cristais, pratarias e

arranjos perfeitos que nos convidam a celebrar a vida ao redor da mesa com a família e amigos, despertando ou estimulando ainda mais um hábito que quem cultiva, sabe valorizar. Compartilhar e eternizar bons momentos e bom gosto, com certeza, é a essência do livro de Dagraça Viveiros”.

A jornalista Laurita Arruda também descreve palavras carinhosas para autora e obra. “O livro reflete todo bom gosto de uma grande anfitriã e vai além: fecha um ano em que o paladar e o olfato foram sinônimos de perdas, nos



lembrando a beleza e a harmonia que eles dão às nossas vidas. Da graça poderia ter ficado em casa, esperando a tempestade passar, mas não. Resolveu compartilhar conhecimento e experiências do bem receber. E não por acaso fez o lançamento no solstício, o dia do grande banquete do sol - (Solstício de verão ocorre quando um dos pólos da Terra tem sua inclinação máxima em direção ao sol).

O livro tem diferentes interpretações. “Somente após dias de leitura terminei de apreciar o seu livro. Devagar, assimilei todas as riquezas nele eternizadas. Começando pelo seu depoimento, de entrada, com ensinamentos e lições de vida. Depois a sensibilidade de Se-rejo em suas palavras nos ensinando que o homem sempre esteve à mesa para tomar e curtir decisões. As palavras de Tânia Paranhos, para serem lidas, sempre que alguém queira conhecer Dagraça. Verdadeiras, amiga e conhecedora da sua sensibilidade herdada de seus pais. Por fim, parabéns. Livro encantador, rico, bem escrito, um verdadeiro arquivo de bom gosto e riqueza à mesa. Missão cumprida com louvor”, descreve Valkíria Borges Carneiro Costa, secretária executiva do período em que a autora dirigia o CCHLA.

Médico e amigo da família, Wallid Chacra participou do lançamento e também elogiou a obra. “Dagraça é uma pessoa de grande sensibilidade e de grande coração. Quando a conheci foi uma empatia à primeira vista. Na hora, eu me encantei com a sua beleza e a sua



Recebe flores da amiga Denise Gaspar

“Herdei da minha mãe o amor pelas louças e suas nuances e do meu pai um bom coração que se alegra em receber amigos no lugar mais sagrado de um lar: a mesa. Multipliquei essa herança e posso hoje apresentar aos meus amigos, em formato de livro, Mesas de Maria”

educação. O livro Mesas de Maria não foge a essas características. Nele podemos ver que cada mesa é composta de vários atributos: sensibilidade, amor, conhecimento, criatividade e dedicação. A mistura desses atributos deu vida a mesas exclusivas, marcantes e tocantes”.

E se o encantamento da alma faz parte das 124 páginas do livro, o padre Francisco Fernandes – amigo e testemunha da construção da obra – garante: “Agora posso dizer que conheço as Mesas de Maria, por leitura e de fato. Dagraça conseguiu transferir para o papel tudo aquilo que experimentamos em suas mesas: o requinte, a beleza e, sobretudo, o clima de aconchego fraterno. Nossa cultura - ocidental e cristã - valoriza muito o estar à mesa. Isso está na Bíblia e em diversos outros registros históricos. No caso do cristianismo, a mesa possui um sentido muito especial,

tanto como local de sacrifício como de banquete. Em ambos os casos, é ponto de encontro; de celebração. Se me permitem uma analogia, assim são também as mesas de Da Graça: sinal de encontro, celebração, fraternidade e amizade”.

As páginas levam a momentos inesquecíveis da autora ao lado da família e amigos, como os casamentos dos filhos, passando por almoços de verão e encontros do cotidiano. “Herdei da minha mãe o amor pelas louças e suas nuances e do meu pai um bom coração que se alegra em receber amigos no lugar mais sagrado de um lar: a mesa. Multipliquei essa herança e posso hoje apresentar aos meus amigos, em formato de livro, Mesas de Maria”, declara.

A história das mesas postas de Maria da Graça Viveiros contempla mais de 50 anos da trajetória da família com cenários em Brasília, Natal e a Praia de Jacumã, no litoral norte potiguar, horizonte que a inspirou nos textos. Por falar nisso, a mesa posta é uma tradição antiga, em que as famílias se uniam para comemorações, com banquetes. Essa cultura impulsionou os detalhes-base que temos nas regras de etiqueta conhecidas atualmente, como os jogos de pratos, talhes e taças, as disposições desses na mesa e todo o conjunto de detalhes que tornam o momento único com atenção: marcadores de lugares, decoração dos guardanapos, o menu do jantar, pratos, taças, sousplat (itens decorativos) e flores.



Com todos os cuidados protocolares, entrega do livro ao casal Adriana Magalhães e Edson Faustino





Sabrina Mahler

Chef-viajante



ALAGOAS

Um paraíso na Terra

Fotos: Arquivo pessoal

Viagem que surpreende é a mais legal, né? Eu sou uma entusiasta por viagens e é muito difícil me desagradar por completo, pois busco incansavelmente achar bons motivos para àquele destino, mas tem lugares que mexem com nosso coração, que conseguem ser mais que especiais!

Resolvemos nos reunir, eu e minha irmã com filhos e maridos, numa praia de Alagoas que até então nunca tinha ouvido falar: Japaratinga! Fica perto de Maragogi. Ok, vamos! Caramba! Como gostei da região! Que lugar lindo, que litoral maravilhoso, cheio de praias e piscinas naturais deslumbrantes!

Japaratinga, onde fiquei hospeda-

da, fica a 15 km de Maragogi, 20km ou 70km de São Miguel dos Milagres, dependendo se vai pela balsa ou por asfalto. Fica no meio entre a capital Maceió e Recife (PE), o que te dá duas opções de aeroportos e valores. É uma região que, independente de onde você se hospede, pode-se conhecer inúmeras praias em volta ou ficar lagarteando em uma só mesmo. Daí vai de gosto, como se diz.

Ficamos ao todo sete dias e recomendo, para quem quer ou gosta de conhecer tudo, que aluguem um carro, pois as distâncias, apesar de pequenas, não dão para fazer a pé e transporte é uma situação complicada, pois as opções de táxi são limitadas.



JAPARATINGA

De Maragogi você vai seguindo a sul, em direção a Maceió. Atravessa a balsa pelo Rio Mangaba, cinco minutos, mas com filas homéricas de duas horas no verão, por isso as vezes compensa ir pelo asfalto.

Esbalde-se na chamada a Rota Ecológica de Alagoas:

Porto de Pedras

Patacho

Lage

Rio Tatuamunha - praia linda!

Praia do Toque

São Miguel dos Milagres

Praia do Marcineiro

Em quase todas essas praias você pode pegar o barco, lanchar, tanto privada como coletiva, para conhecer e curtir as piscinas naturais. É um passeio muito gostoso e lindo demais! Leve óculos e snorkel, ou confirme se no seu barco tem para alugar. Nas piscinas naturais, tem fotógrafos que tiram fotos bacanas suas e da família, uma ótima opção para registrar fotos bacanas e diferentes da viagem.

Um outro passeio que as crianças amam é a visita à Associação do Peixe Boi - @associacao-peixeboi -, que fica em Porto de Pedras, logo depois da balsa, dura quase uma hora e é bem legal. Visitamos e conhecemos mais a história do local. O espaço foi reformado pelo programa do Luciano Hulk e é uma área de preservação ambiental que cuida

do peixe-boi, evitando a extinção.

Quanto à hospedagem, optamos por uma pousada que tinha a ceia de réveillon incluída, e até fogos! Mas a região tem opções para todos os bolsos e gostos, como resorts all inclusive, pousadinhas pequenas, pousadas boutiques e bem charmosas, e até mesmo casas lindas para alugar.

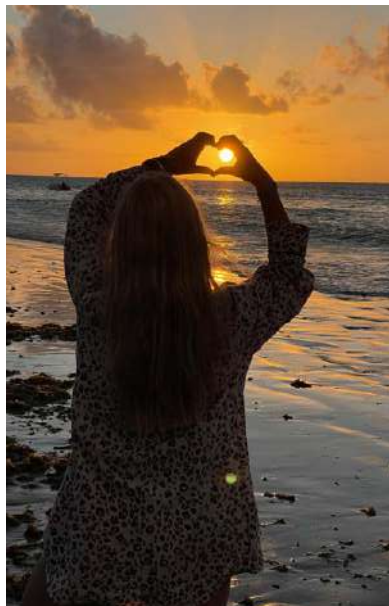
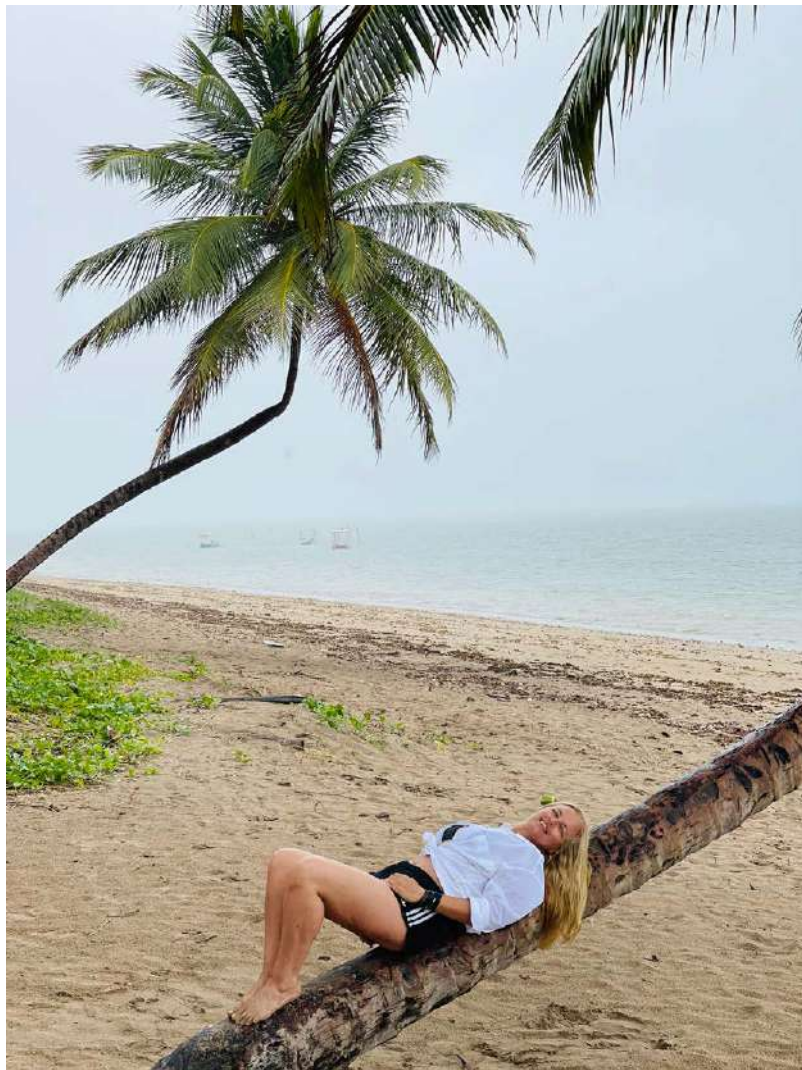
Outra sugestão também são opções de day use e *beach clubs* nas famosas Toque e Patacho. São opções legais e conhecemos o *day use* Sonho do Patacho - gostamos bastante. Comida gostosa, praia linda!

Uma excelente pedida é comer lagosta, que sempre está fresquinha e tem várias receitas e opções em todos os restaurantes. Não existe um centrinho de compras na região, só em Maragogi, então, se viu uma lojinha, para e compra pois depois pode não achar mais.

No caminho entre Toque e Milagres tem vários cafés e restaurantes legais, que abrem somente à noite. Então, para quem quer diversificar e provar restaurantes diferentes, o ideal é ficar em São Miguel dos Milagres.

Posso te afirmar que seis dias foram pouco para explorar a região. Ficamos com gostinho de quero mais e em breve quero voltar para ficar em Patacho, que na minha opinião é a praia mais linda da região, não precisa de balsa para a região sul e tem várias opções de pousadas lindas!





DICAS ESPECIAIS

-Não deixe de experimentar a cocada das marias
@dasmarias_patacho, as mais deliciosas da vida!

-Acorde cedo para ver o nascer do sol no mar!

-Verifique se seu hotel tem restaurante, pois as distâncias são longas

-Alugue um carro se quiser conhecer todas as praias, mas algumas você terá que parar e seguir trechos a pé, vale a pena, são as melhores praias. Inclusive a do coqueiro torto, em Patacho, imperdível!



Allyson na Assembleia Legislativa, em 2019

ALLYSON BEZERRA

O Surpreendedor

O JOVEM EVANGÉLICO QUE ROMPEU TRADIÇÕES POLÍTICAS E RELIGIOSAS E ASSUMIU O COMANDO DO SEGUNDO MAIOR MUNICÍPIO DO RN: MOSSORÓ

Por Lúcia Rocha | Fotos: Arquivo Pessoal

Allyson Leandro Bezerra Silva, 28 anos, tem origem na zona rural. Nasceu no dia 12 de maio de 1992 na Maternidade Almeida Castro, região central de Mossoró. Nas eleições passadas, alcançou a vitória para administrar a capital do Oeste do Rio Grande do Norte, e entrou para a história como o mais jovem prefeito do município mossoroense.

Quando criança, ajudava o pai na roça, de onde saiu aos 12 anos de idade em busca de estudos para trilhar seus sonhos. O que lhes renderam currículo invejável: engenheiro civil graduado pela Ufersa - Universidade Federal Rural do Semi Árido -, especialista em Engenharia Ambiental pela Universidade Cândido Mendes, do Rio de Janeiro, e mestre em Manejo de Solo e Água pela Ufersa, onde também se graduou em Ciência e Tecnologia. Instituição da qual é servidor desde 2012.

Entra para a história de Mossoró também como o primeiro prefeito evangélico, num município em que a maioria da população é católica e cultua sua padroeira, Santa Luzia, citada, inclusive, no refrão do Hino Oficial de Mossoró, de au-

toria de José Fernandes Vidal, embora o Brasil seja um país laico.

O pai de Allyson, José Américo, é natural de Touros, no litoral norte do RN, mas foi criado no Papoco, bairro Planalto Treze de Maio, em Mossoró. A mãe, Maria das Neves, nasceu no Sítio Chafariz, onde foi criada. O casal tem mais dois filhos, Max, que Allyson chama de Nenê, e Anny Elise, de 18 anos, criados numa casa simples na zona rural, a 30 quilômetros de Mossoró, próximo à BR 110, sentido Upanema, município de onde saiu outro prefeito de Mossoró, até então o mais jovem eleito, aos 31 anos, em 1958: Antônio Rodrigues de Carvalho, também de origem simples da zona rural e que, como Allyson, antes já havia sido eleito deputado estadual, aos 21 anos de idade.

Antes dele, o jovem médico Francisco Duarte Filho teve uma rápida passagem pela Prefeitura de Mossoró, aos 29 anos de idade, quando foi nomeado em 1935, pelo então governador Rafael Fernandes. Devolveu o cargo um mês depois e voltou a medicar. Retornou à política em 1966, quando conquistou o mandato de senador pelo então partido Arena.

JUVENTUDE E RESPONSABILIDADES

Em Mossoró, Allyson Bezerra recebeu a equipe da Bzzz alguns dias antes da posse na prefeitura, em seu bem instalado escritório parlamentar. Simpático e falante, apresentou-se: “Fui criado numa casa de taipa, no Sítio Chafariz, onde basicamente só tem uma rua. Da minha casa dava para ver a barragem. Na época, a casa era cedida, de barro e o chão, também. Depois meu pai conseguiu fazer um piso morto. Eu estava entrando na adolescência quando viemos morar em Mossoró e sempre estudei em escola pública. Nas séries iniciais, numa creche de taipa. Em seguida, fui para a escola que tem o ensino fundamental no Sítio Chafariz. Lá aprendi a ler e escrever”.

Diz que sua mãe teve rubéola na gravidez do segundo filho, um ano mais novo. “Ele é surdo e tem retardamento mental. Tínhamos dificuldades no Sítio Chafariz, meu pai trabalhava bastante, plantando e colhendo, para outras pessoas. Ele nunca foi dono de nenhum pedaço de terra, plantava em terreno cedido para isso”.

A situação, porém, mudou quando José Américo passou a trabalhar numa empresa securitária em Mossoró, e fazia o percurso diário de bicicleta, em estrada de barro, até que conseguiu adquirir uma motocicleta, mas perdeu-a em um assalto na estrada. “Ficamos inviabilizados de morar lá, devido o trabalho



Allyson bebe



Allyson nos tempos de IFRN

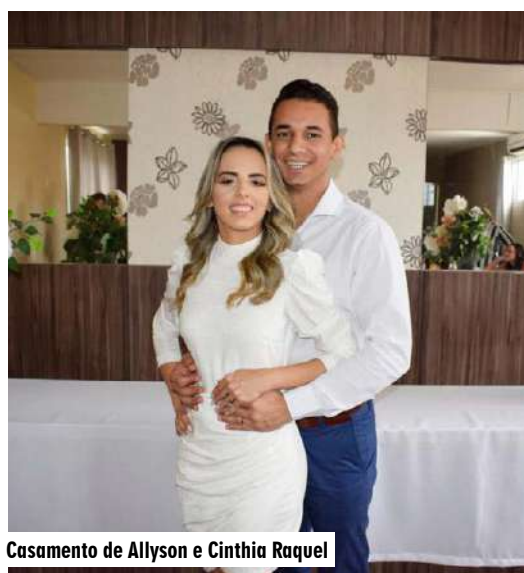
do meu pai e à saúde delicada do meu irmão. Tínhamos que cuidar dele e eu precisava continuar meus estudos, então viemos morar em Mossoró, na casa dos meus avós paternos. Depois alugamos uma casa e nasceu minha

irmã”, recorda.

A mudança permitiu que Allyson desse prosseguimento aos estudos sem precisar pegar pau de arara, como fazia antes. Cita as escolas por onde passou, todas no Alto de São Manuel. “Estudei



Allyson, pais e irmãos



Casamento de Allyson e Cinthia Raquel

na Escola Estadual Tertuliano Aires, na Escola Estadual José Benjamim. Meu Ensino Médio foi na Escola Estadual Maria Estela. Depois, passei a estudar no IFRN - Instituto Federal do Rio Grande do Norte, cursei o técnico profissionalizante em Edificações. Talvez por não termos casa própria, resolvi fazer Engenharia Civil. Gostava de gerir, pois cheguei na igreja cedo e lá desenvolvi essa habilidade”, conta o rapaz que há quatro anos tornou-se presidente do sindicato dos servidores técnicos da Ufersa.

A mudança para Mossoró foi como uma bênção. A família continuou no mesmo bairro dos avós paternos, onde ele passou a frequentar a Igreja de Cristo, vizinha à sua casa. Sobre sua conversão ao evangelho, diz: “No dia 3 de dezembro de 2006 aceitei a Cristo, comecei a participar e congreco até hoje, na mesma igreja, com o mesmo pastor. Acredito que foi quando comecei a desen-

volver minha liderança, por ter a oportunidade de trabalhar com bastante gente. Há quem pense que tudo acontece do nada e não é assim. Eu era o líder do grupo da Mocidade, estava sempre em contato com diversos jovens, simultaneamente, escutando as situações dos jovens que tinham problemas de relacionamentos em casa com os pais, na escola ou faculdade. Muitos desses jovens eram mais velhos do que eu. Com 17 anos me tornei presidente da Mocidade. Comecei a relacionar-me com vários jovens da cidade e zona rural da região. Penso que foi assim que nasceu o líder. Digo que Deus me escolheu naquele momento para liderar e me abençoou. Naquela época eu era muito gago de bater o pé no chão para conseguir falar. Eu era tímido e tinha medo de gente. Minha mãe conta que se chegasse alguém no Sítio Chafariz eu corria para dentro do chiqueiro de porco, com medo do povo. Tinha medo de

vir para a cidade e se, por acaso, observasse um movimento maior ou o carro da polícia ficava apavorado. Então, o que queria mesmo era estar no sítio”.

Eis o relato desse jovem que foi líder de turma das escolas onde estudou e passou a campanha eleitoral em meio ao povo, em carreatas, visitando bairros, zona rural, empresas, feiras livres, onde houvesse gente ele não se intimidava e falava bastante, proferia palavras motivadoras, enfaticamente, e fazia uso de gestos e persuasão para convencer o público que tinha maturidade para assumir o segundo maior município do estado, com pouco mais de 300 mil habitantes.

Os seguidores acompanhavam seus passos através de transmissões ao vivo nas redes sociais, como Instagram e Facebook, algo que ele continua fazendo, mostra o dia a dia dos bastidores na prefeitura e suas ações internas e externas.



Allyson na formatura em Engenharia Civil, em 2016



Allyson na Igreja de Cristo

DE VOLTA AO ANO DE 1958

E foi exatamente fazendo bom uso da palavra e da oratória que Antônio Rodrigues de Carvalho chegou à Assembléia Legislativa, mas, por um acaso do destino. Morava na Casa do Estudante de Natal, para onde havia ido presseguir com os estudos, e logo os colegas perceberam que era bom de *gogó*. Daí foi convidado para compor uma chapa partidária e ajudar os amigos com seu discurso. Surpreendentemente, foi eleito.

Em Mossoró, Allyson estudava e trabalhava, inicialmente no almoxarifado e depois balconista na MM Parafusos, aos 16 anos. “Foi uma experiência boa. Tudo que fiz na minha vida foi porque gostei de fazer, pois aprendi a não reclamar. Todos os momentos são únicos. Penso que aproveitar cada momento e oportunidades que me dão é o segredo da vida de um ser humano. Por fazer sempre o meu

melhor, até hoje tenho amizade com meu ex-patrão, é um grande amigo. Lá desenvolvi meu *networking marketing* e todos votaram em mim para deputado e são amigos que tenho respeito e consideração”, declara.

Ele diz que clamou bastante a Deus por libertação. “Pedi que se Ele quisesse realmente me usar para falar, que me curasse, pois assim que fiz parte da Igreja de Cristo sentia o desejo de falar em público. Então, pedia que tirasse de mim o medo de gente e a minha gagueira. O pastor me levava para pregar em pequenas igrejas, na zona rural e hoje já ando pela cidade toda, falando bastante com todo mundo e, graças a Deus, discursando. Não tenho mais medo de gente, pelo contrário, nem posso ter”.

Depois de testado com o grupo de Mocidade da igreja, em 2008, o pai do prefeito iniciou uma relação de amizade

com a hoje ex-vereadora Maria das Malhas. “Naquela época ela ainda não era vereadora e papai a apoiou. Em 2016, éramos vizinhos de bairro e tínhamos uma relação de amizade, quando soube que Maria das Malhas precisava de alguém para ajudá-la a coordenar sua campanha. Então, coloquei-a no meu carro e rodamos bastante, visitamos meus amigos, familiares e pessoas que acreditavam em mim. Tive a primeira grande experiência de coordenar uma campanha política. Aprendi bastante, entreguei-me inteiramente, porque quando acredito em um projeto, posso até errar, mas me entrego ao que acredito. Quando a campanha acabou, ela foi eleita e seguiu o seu caminho e eu continuei na Ufersa. Não pensei em ingressar na política, entrei apenas para apoiá-la porque, como servidor da Ufersa não tinha interesse em ter

um cargo político, até mesmo porque ganhava mais do que se tivesse um cargo num gabinete de vereador. Não tinha interesse financeiro, estava para ajudá-la. Não era aquele o momento de ser candidato. Porém, no ano seguinte, fiz uma análise, pois já estava na política ajudando, coordenando, apoiando, não como candidato. Então, aconteceram alguns fatos e comecei a ver como é a política. Tem bastante coisa na política que falta a verdade, tem pessoas ruins como tem em todo canto, infelizmente. Porém, eu precisava decidir se iria seguir exclusivamente a minha carreira profissional, como servidor da Ufersa, engenheiro civil, com mestrado, atuando na política sindical, pois das 67 universidades federais do Brasil eu era o presidente do sindicato mais jovem - liderava, ia para Brasília. A turma realmente confiou em mim e me ajudou. Foi aí que precisei decidir entre seguir minha carreira profissional como professor de universidade, ser engenheiro ou seguir minha carreira política”.

E o que faltava?

Allyson Bezerra: - Tomei a decisão de ser candidato para deputado estadual. Reuni em torno de 25 pessoas no dia 7 de setembro de 2017, convidei as pessoas que estariam comigo para qualquer coisa: meus pais, meu pastor, amigos mais chegados e colegas da faculdade, do sindicato. Falei do meu propó-

sito, que era ser deputado estadual, pois acreditava que poderia vencer a campanha, que iria rodar o estado e precisava saber se podia contar com eles. De antemão todos disseram ser uma

grande loucura, que seria difícil, talvez até impossível, mas, que acreditavam em mim e que me apoiariam. Essa turma rodou comigo em todo o estado, foi uma experiência gratificante”.



Allyson eleito presidente do Sindicato dos Funcionários da Ufersa



Allyson com o irmão, Max, o Nenem



Allyson em campanha 2020

PARA VALER

Em 2018, Allyson colocou em prática o seu projeto. Filiou-se a um partido político no prazo obrigatório. “Escolhi o partido Solidariedade porque me deu liberdade, porque aqui em Mossoró não tinha um dono, não pertencia a nenhuma oligarquia, com perfil democrático. Nunca concordei com essa política ser passada de pai para filho ou neto, só porque é parente. Você precisa deixar do seu lado alguém que tenha vocação. O sol nasce para todos. Então, quem está ao meu lado com interesse, caráter e vocação para ser vereador, eu irei ajudá-lo”, promete.

Quando perguntado pela esposa, surpreendentemente Ally-

son brinca: “A primeira-dama?”. Continua: “Casei em 2019 com Cinthia Raquel Pinheiro, de 24 anos, é mossoroense, formada em Pedagogia pela UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Ela lecionou um bom tempo em escolas privadas. Começamos a namorar em 2013, criamos um vínculo na igreja. Namoramos bastante tempo, ela não é ciumenta, porque tem confiança. É bastante ajudadora, está comigo desde a época que eu não era político. Acompanhou todo esse processo ao meu lado, estudos, campanha e mandato de deputado, campanha de prefeito. Viveu comigo momentos difíceis, também,

durante esse período todo. É empolgada, acompanha-me em diversos eventos. Atualmente, Cinthia não está em sala de aula porque tem diversas atividades no dia a dia”, alega o marido da primeira-dama mais jovem da história de Mossoró.

Ao lado da esposa, vereadores, secretários e correligionários, Allyson adentrou pela primeira vez a sede do Executivo, o Palácio da Resistência, um imóvel construído no início do Século XX, residência do então prefeito Rodolfo Fernandes, herói do episódio da invasão do bando de Lampião, em 1927, e depois cedido ao município pelos herdeiros do prefeito.

Ao atravessar o portão, o jovem prefeito empossado ajoelhou-se, antes de ingressar nas dependências do imóvel. Talvez sem acreditar no que estava acontecendo, tomando posse de algo que sonhou e buscou com convicção, com imagens transmitidas ao vivo pelo seu perfil no Instagram. Alysson não recebeu a prefeitura de quem de direito, a ex-inquilina, a médica Rosalba Ciarlini, a quem venceu com 65.297 votos - 6.263 votos de maioria - em 15 de novembro de 2020.

Durante a campanha, Allyson criticou a família Rosado, a quem culpou pelos atrasos da cidade, embora tenha se graduado e seja servidor licenciado de uma universidade construída pela família Rosado.

Disse o prefeito: “Quando não pensava em ser político, sentia que a cidade estava em um abandono por quem a geria durante tanto tempo. Não vejo espírito público. Via nessa oligarquia apenas vontade de empregar os seus familiares, amigos e correligionários e, meio que se aproveitarem do que o poder público tem para oferecê-los. Via, e infelizmente ainda vejo, diversas pessoas passando por dificuldades, sofrendo. Por que não se tem vontade de mudar as coisas? Sempre me deu bastante revolta isso. Ninguém ingressa na política se não tiver interesses. Há interesses que são republicanos e interesses exclusivos. O meu interesse é mudar essa cidade. Encaro a chance como a oportunidade da minha



vida. Trabalhar incansavelmente pelo meu povo, porque realmente amo-o. Tenho paixão e satisfação deles porque sei que confiam em mim. Quem trabalha na periferia, na zona rural tem confiança em mim. Não permito que não façamos uma grande gestão. Quem estou chamando para secretário, digo isso: há uma expectativa grande em cima de mim. E o secretário tem que seguir a minha linha de pensamento, de mudança dessa cidade, pois foi a minha linha de pensamento que foi eleita. Temos que mudar. Então, temos que tratar bem a população. Não admito meu povo ser mal recebido, sendo deixado de lado, pois era isso que eu via. Quero que o povo seja protagonista da nossa gestão”.

Sobre a zona rural, Allyson explica que sempre visita o Sítio Chafariz, até porque tem familiares lá, avós, tios e primos, inclusive cita uma barragem de água potável que poderá ser um ponto turístico. “O que quero levar para a

zona rural? Saúde e água. Hoje não tem absolutamente nada que funcione na zona rural. Por isso que, quando entendemos que eu poderia ganhar a campanha, queria ganhar livre, tanto que hoje quem está formando o secretariado sou eu. Qualquer popular pode sugerir um secretário, agora quem será o secretário quem diz é o prefeito, porque não é assim na administração pública, geralmente é o partido que você fechou o apoio que vai indicar o secretário, seja lá quem for. Às vezes, é um grupo empresarial que pagou a campanha. A nossa campanha foi aos trancos e barrancos, aconteceu de faltar material de divulgação, como por exemplo adesivos para carros dos eleitores, então o meu compromisso é com o povo, se eu pensar que aquele secretário vai prestar o serviço de forma técnica, qualificada, atendendo bem o povo, vou colocá-lo. É esse modelo de gestão que vamos implementar. A zona rural será totalmente beneficiada com isso”, repete.

RELAX

E o que o jovem Allyson faz nas horas vagas ou tem como hobby? O que o jovem prefeito lê, por exemplo? “A minha vida é bastante corrida. Para tudo que se possa imaginar meu tempo é curto. Algo alguém da minha idade costuma fazer, certamente direi que não faço. Porém, leio notícias, biografias de políticos, gosto de história. Meu primeiro Processo Seletivo Vacionado foi o da UFRN. Passei em segundo lugar, mas resolvi ficar em Mossoró e, graças a Deus, fiquei. Talvez tivesse seguido carreira em Natal. Foi um dos vestibulares mais difíceis, na época. Inclusive passei em primeiro lugar no vestibular de administração da UERN. Por ler biografias, História e ciências humanas eu fechava a prova. Tanto é que, na UERN, fechei a prova de História. Não era só por ser história que eu gostava, era porque tinha a história da política mesmo. A minha paixão é pela política, não tenho vergonha de dizer. Tenha cuidado com quem é político e tem vergonha de dizer que é. Não posso ter vergonha. Já li a trilogia de Lira Neto, sobre Getúlio Vargas, a biografia de Fernando Henrique Cardoso e sou apaixonado pela história de Mossoró. Acredito que, devido à oligarquia querer ter um prestígio além do normal, não deram a devida importância. Então, tem um nome que só é lembrado no período do Mossoró Cidade Junina, que é Rodolfo Fernandes, um dos grandes ícones da história da cidade, pois enfrentou o bando de Lampião e teve coragem de unificar o município.”



Allyson e esposa, Cinthia Pinheiro

enfrentou o bando de Lampião e teve coragem de unificar o município. Na nossa gestão, faço questão de homenageá-lo.”

“Então, tem um nome que só é lembrado no período do Mossoró Cidade Junina, que é Rodolfo Fernandes, um dos grandes ícones da história da cidade, pois enfrentou o bando de Lampião e teve coragem de unificar o município.”

Continua

Allyson - O livro da minha vida é a Bíblia e busco seguir o que ali está escrito. Alguns buscam livros na área de desenvolvimento pessoal e até oriento que façam. Mas tem um livro retirado da Bíblia que é José, homem íntegro e indulgente. Um dos nomes que mais admiro na Bíblia, depois de Jesus, porque José tem uma história de vida bonita. Ainda jovem foi bastante perseguido e chegou ao cargo de posição política dentro do Egito, uma terra distante para ele. Então, busco alguns elementos dali, como o perdão, pois não há como fazer política sem perdoar. Temos que nos perdoar diariamente e ter amor pelo povo. José conseguiu pela sua capacidade e visão não deixar que o povo passasse fome - sete anos de seca que ocorreu sobre a terra do Egito. Foi o primeiro livro que li, com 14 anos. O segundo, o pastor da minha igreja, Genilson, emprestou-me. Quando ganhei a campanha para deputado ele comprou e me deu o mesmo livro.

RELIGIÃO

Durante os festejos da padroeira Santa Luzia, na condição de deputado estadual, Allyson foi convidado pela Diocese de Mossoró e compareceu à abertura do evento, momento em que participou do hasteamento das bandeiras. No dia da procissão, foi cobrado por integrantes da imprensa local por não ter comparecido ao final do evento e sequer ter registrado em suas redes sociais o dia da padroeira.

Aí deve morar a coerência que o atual gestor tanto prega. A imprensa terá que se acostumar com os hábitos de um prefeito evangélico, que não idolatra imagens e que evangélicos não frequentam eventos de nenhuma religião, a não ser a sua.

Provocado sobre os eventos considerados mundanos que fazem parte do calendário turístico da cidade, como Carnaval, Pingo do Mei Dia, Mossoró Cidade Junina, dentre outros, ele afirma que a prefeitura sob sua gestão vai continuar apoiando todos, com ou sem sua presença.

Lembra – “Talvez eu seja o primeiro evangélico que chega até a Prefeitura de Mossoró. Nunca usei a bandeira evangélica para ganhar votos. Tanto é que a maior igreja evangélica da cidade – Assembléia de Deus - não me apoiou, não mostrou apoio politicamente a mim. Não me utilizo de ser evangélico para agir com preconceito sobre re-

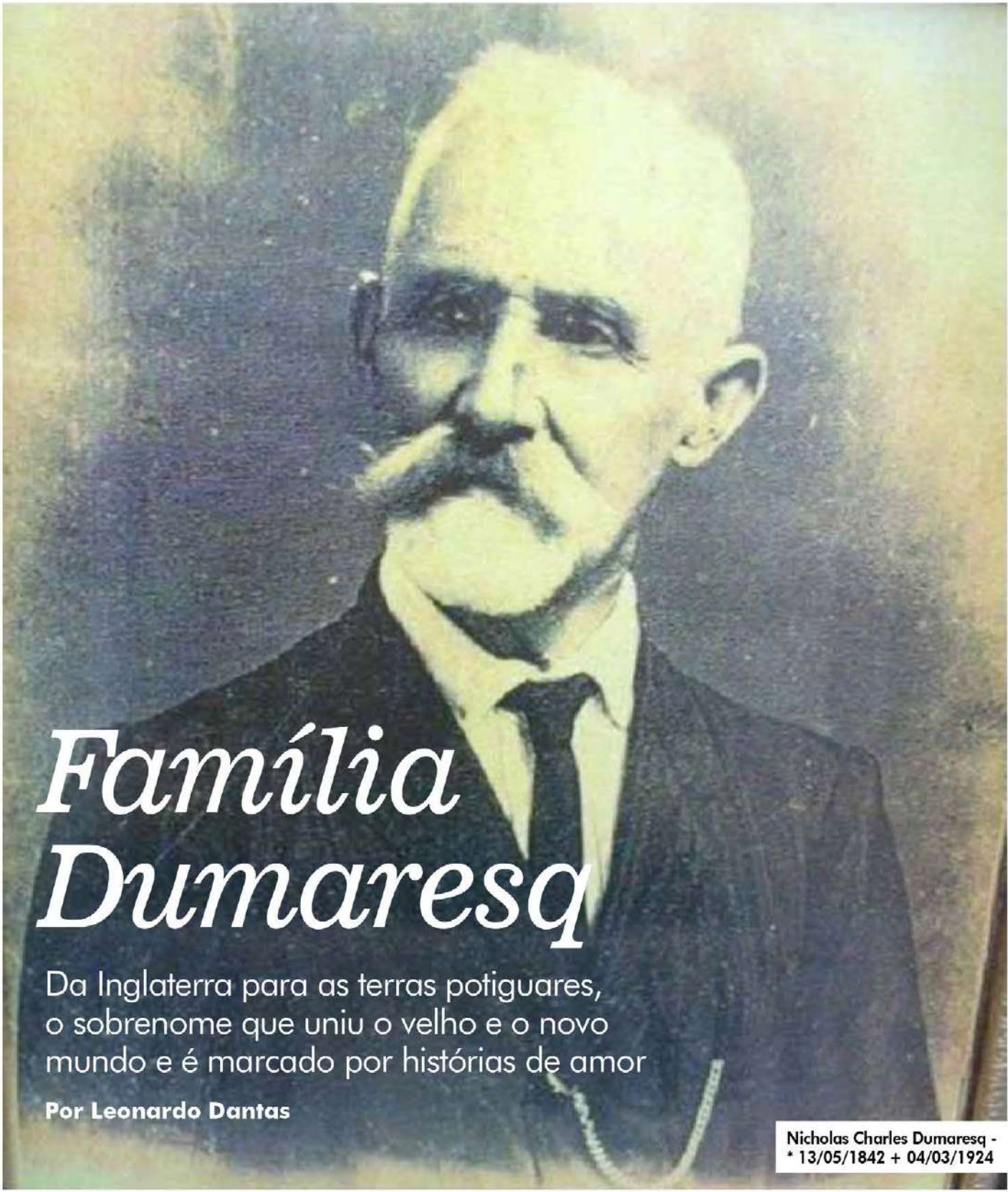


Com os católicos: Irmã Zelinda, Padre Charles e Padre Sátiro

ligião alguma. Trato todos com respeito. Estive na abertura do evento da festa de Santa Luzia, como representante de uma cidade. Inclusive, estive em reuniões com padre Flávio Augusto, falei do nosso interesse em trabalho conjunto”.

Finaliza – “Mesmo tendo sido gago, sempre fui líder. Tanto é que meus amigos da época de escola se admiraram quando me candidatei para deputado estadual. Mas melhor do que ser político é você liderar pessoas, trabalhar com elas e chegar a um propósito. É disso que gosto”.

“Talvez eu seja o primeiro evangélico que chega até a Prefeitura de Mossoró. Nunca usei a bandeira evangélica para ganhar votos.”

A portrait of an elderly man with a prominent mustache, wearing a dark suit, white shirt, and dark tie. The background is a soft, out-of-focus mix of blue and green.

Família Dumaresq

Da Inglaterra para as terras potiguares,
o sobrenome que uniu o velho e o novo
mundo e é marcado por histórias de amor

Por **Leonardo Dantas**

Nicholas Charles Dumaresq -
* 13/05/1842 + 04/03/1924

O AMOR ESTÁ PRESENTE em diversos fatos históricos. Algumas vezes ocasionou guerras e em outras selou a paz. Na família Dumaresq, pode-se dizer que esse sentimento se manifestou em seus diversos aspectos. E foi através dele que essa família de origem inglesa floresceu os galhos de sua árvore genealógica por essas terras de Poti, o Rio Grande do Norte.

Quem descreve essa história é a médica cardiologista Lúcia Cristina Dumaresq, que hoje reside em Brasília, trineta de Nicholas Charles Dumaresq, o patriarca da família. “Nicholas era marinheiro da frota mercante inglesa e veio para Natal em 1862, com apenas 19 anos. Todos os Dumaresq do Brasil descendem dele”, conta. Ao que tudo indica, o pai de Nicholas também era marinheiro e morreu no mar, o que fez com que ele ingressasse na Marinha para ajudar



Lúcia ao lado do seu pai, Diógenes Dumaresq (pastor Presbiteriano)

sua família.

O navio precisou ficar atracado em Natal por alguns meses para manutenção e o jovem inglês foi se apaixonando não só pela cidade, mas também por uma bela potiguar de nome desconhecido,

mas com um papel muito importante na vida do jovem britânico. As belezas daquela cidade charmosa do final do século 19 seduziam Nicholas, mas o dia de sua partida de volta para a Inglaterra estava próximo.



Família Dumaresq

Brasão Dumaresq



Selos em homenagem à família



Professor Gerson Dumaresq foi prefeito de Mossoró no período de 09.08.1947 a 31.03.1948. E diretor do jornal A República

Helena

Com o navio consertado e a tripulação a bordo, o inglês se despediu da amada e partiu de volta para o seu país. A partir daí sua vida foi decidida em poucos minutos. “Ele estava muito apaixonado e deserdou, pulando do navio e voltando a nado. Foi recebido pelos braços de sua amada” conta Lúcia. A história de amor digna de romance bestseller infelizmente não durou por muito tempo.

Ao mudar-se para a cidade de Nova Cruz, no interior do RN, onde foi trabalhar nas linhas ferroviárias, Nicholas conheceu Helena Pereira de Araújo, talvez o grande amor da sua vida. Com ela, constituiu família e teve três filhos: Nicolau, Jorge Ernest e Mary. Estabelecido no Brasil, o inglês preferiu absorver a cultura potiguar e guardou para si todos os costumes

de sua pátria. “Uma das coisas que a gente pode dizer que ele passou para seus descendentes foi a religião”, diz Lúcia. Nicholas era anglicano e parte da sua família até os dias de hoje é protestante.

Passado algum tempo, o aventureiro apaixonado começou a escrever cartas para sua família na Europa, mais precisamente na Ilha Guernsey, localizada entre a França e a Inglaterra, na região da Normandia. Sabe-se que quando partiu para o Brasil tinha três irmãos, James Charles, William Jonh e Ann Charlotte, que deixaram a pequena ilha e foram morar na Inglaterra.

Militante do amor inveterado, mais uma vez a paixão cruza a vida de Nicholas. Ele se apaixonou por uma jovem de Nova Cruz, o que provocou a separação da esposa. “Dizem que Helena era uma

mulher de personalidade muito forte e que sabendo do romance foi até a casa da jovem e cortou suas longas tranças”. Ela então decidiu seguir sua vida e deixou Nicholas e os filhos, já adolescentes. Não se tem notícia ou registro da história de Helena até hoje. “Como antigamente os filhos recebiam apenas o sobrenome do pai, não temos, infelizmente, como localizar os familiares dela, nem sabemos se ela casou”. O que se sabe é que sua valentia e determinação foram herdadas por todas as mulheres da família.

Nicholas mudou-se para Natal, onde sozinho terminou de criar seus filhos. Viveu até os 82 anos. Morreu no dia 4 de março de 1924, enterrado no chamado “Cemitério dos Ingleses”, no bairro da Redinha, destinado às pessoas que não eram católicas.



Em Guernsey, diversas ruas levam o nome da família

Pouco conhecido pelos natalenses, o Cemitério dos Ingleses é localizado às margens do Rio Potengi e foi construído com o objetivo de enterrar os mortos que não fossem católicos. De acordo com o livro “História de Natal”, do folclorista Câmara Cascudo, o local foi saqueado diversas vezes por vândalos que acreditavam existir ali botijas enterradas.

Dos filhos, apenas Mary Dumaresq foi embora do Rio Grande do Norte. No Rio de Janeiro, casou e perdeu contatos. “É possível que existam ramos de Dumaresq que não conheçamos ainda”, acredita Lúcia. Os descendentes de Nicholau permaneceram no RN, mais precisamente em Natal, enquanto uma parte dos filhos de Jorge Enerst se mudou para São Paulo, e outra para Fortaleza. “Ao longo do tempo, alguns foram migrando para outras cidades e hoje nos estendemos por São Paulo, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Brasília”, acrescenta Lúcia Dumaresq.

Por volta dos anos 60, Nicolau Dumaresq, neto de Nicholau, voltou a entrar em contato com os parentes do outro lado do Atlântico, o que estimulou os irmãos e primos a resgatarem a história da família e o amor pelo sobrenome.

Todas essas histórias foram contadas a Lúcia e aos irmãos pelo seu pai, o pastor presbiteriano Diógenes Dumaresq, que sentia muito amor e orgulho do sobrenome. “Meu pai nos contava esses fatos e hoje a gente quer passar para os mais novos para que a história não se perca”, diz. E foi o amor pelo sobrenome que fez Lúcia, o marido e o filho viajarem até a Ilha de Guernsey, em 2012, para conhecer e desvendar a história da família e completar a árvore genealógica dos Dumaresq do Brasil.



Lúcia ao lado do brasão da família, em Guernsey



Dumaresq House, em Guernsey

Pixabay



Origem

Com pouco mais de 60 mil habitantes, Guernsey é uma ilha turística do Canal da Mancha, dependência da Coroa Britânica, onde foi localizado por Lúcia o primeiro registro dos Dumaresq, datando de 1357. “A cidade é muito pequena e todo mundo se conhece, existem ruas, praças e edifícios que levam o nome Dumaresq”. De acordo com notas históricas, a família é muito tradicional e participou ativamente da história da cidade.

“Junto com meu filho e marido, encontramos registros de batismos, certidões de nascimento e casamento, até encontrar os descendentes de Nicholas. Nas fichas de 1861, encontramos o registro de toda a família de Nicho-

las Charles”, revela Lúcia. Além de ruas e praças, a família também foi homenageada com uma série de selos postais com o brasão da família, os quais a brasileira guarda com muito carinho.

Assim como na árvore genealógica da família brasileira faltava os nomes dos parentes ingleses, o mesmo acontecia com o levantamento dos Dumaresq de Guernsey. “Foi muito interessante ver que no nome de Nicholas não tinha seus descendentes, pois os familiares não tinham essas informações e ajudamos a completar a deles e eles a nossa”.

Outro fato que chamou atenção foi a organização e o cuidado que a cidade guarda seus registros. “Nós chegávamos com

um nome e uma data na mão, o atendente em poucos minutos trazia os documentos. Essa organização foi muito importante na localização da nossa árvore genealógica”. A partir desses registros foi possível montar uma árvore com duas gerações anteriores e as gerações posteriores, incluindo os bebês que estão nascendo atualmente no Brasil.

A origem do nome Dumaresq pode estar relacionada a profissão do seu primeiro portador. É derivado do termo francês “Le Maresquier”, que se referia à atividade de cultivo de verduras de tamanho pequeno.

Dumaresqada

O orgulho pelo sobrenome e a vontade de reunir a família são tantos, que foi necessário criar um evento intitulado de “Dumaresqada”. A cada três anos, os membros espalhados pelo Brasil se reúnem para contar histórias e atualizar a árvore genealógica, que atualmente está com três metros de comprimento. “É algo impressionante quando nos reunimos, parece que o tempo não passou e que convivemos todos os dias”, retrata com alegria Leyse Liane Dumaresq, irmã de Lúcia.

A primeira edição contou com a participação de 20 pessoas. Na segunda, o número dobrou e mais de 40 familiares se reuniram. A última Dumaresqada aconteceu em 2014, com mais de 70 participantes, tomada por sentimentos, com a presença dos primos ingleses David e Christine. “Foi emocionante quando nosso primo inglês conheceu tia Jéssica, membro mais antigo da família. Ele viu no rosto dela os traços de suas tias inglesas. Ficou parado alguns minutos só admirando”, lembra. A quinta edição do encontro já está programada para 2017. A ideia de reunir a família é antiga. Lúcia conta que um de seus tios, em viagens pelo Brasil, sempre pesquisava nas listas telefônicas o sobrenome.

Atualmente em Natal, por meio da árvore genealógica, foram



David conhece a tia Jéssica Dumaresq e se emociona



Os primos ingleses vieram especialmente para a “Dumaresqada”



Dumaresqada reúne os familiares a cada três anos

contabilizados cerca de 220 membros Dumaresq. “No Brasil, a gente acredita que existam uns 250 ou 270. Existe a hipótese de alguns no Rio Grande do Sul. Tem registro também do sobrenome na Austrália e no Canadá, mas não sabemos se há ligação com os ingleses”.

Dos Dumaresq de Natal, Lúcia destaca o jornalista e dramaturgo Paulo Jorge Dumaresq, que lançou recentemente o longa “Passo da Pátria – Porto de Destinos”, os médicos Ronaldo Dumaresq e Gerson Augusto Dumaresq. Da geração antiga, Lúcia lembra do

professor Gerson Dumaresq, que foi prefeito de Mossoró e diretor do jornal A República.

“Eu amo o meu sobrenome e sempre que pedem para soletrar eu digo: Dumaresq com que ‘Q’ de ‘querida’”, brinca Leyze. Já Lúcia lembra que uma característica de todos os familiares que já conheceu é o sentimentalismo. “Somo emotivos e a alegria faz parte do nosso dia a dia. Dizem que os ingleses são frios, mas sentimos o mesmo afeto dos brasileiros. Somos uma família de homens amorosos e mulheres fortes”, orgulha-se.

A rua no bairro de Brera, onde a escritora morou em Milão

Nísia Floresta na Itália

Jornalista e professor do ISPI, em Milão, o potiguar Jean Rocha pesquisou sobre a vida e a rica obra da escritora norte-rio-grandense em diversas regiões italianas, onde ela recebeu elogios de grandes escritores e atraiu o interesse da Igreja Católica. Lamentável, falta incentivo de instituições do RN para que ele produza documentário sobre o acervo que coletou

Por Jean Rocha – de Milão, na Itália



Nisia Floresta

LECIONO HÁ QUATRO ANOS no Instituto de Política Internacional, a mais renomada instituição sobre estudos de diplomacia, política e cooperação internacional da Itália. Um dia resolvi falar sobre a cultura brasileira. Escolhi o tema literatura feminina do Brasil. E eis que surge o nome da minha conterrânea Dionísia Gonçalves Pinto, a Nisia Floresta Augusta Brasileira. Começo a falar sobre o Brasil do início do século XIX. Império, escravidão e sociedade rígida para que as mulheres pudessem sair do espaço privado. Uma premissa para abordar a saga de uma das mais ilustres escritoras e educadoras do Brasil que também fez história além-mar.

Na sala de aula, meus alunos escutaram atentamente e ficaram eufóricos quando eu disse que a potiguar que quebrou todos os padrões para a época era a autora duma obra importante para a história italiana. Poucos sabem, mas Nisia Floresta morou em diversas cidades da Itália durante três anos, e viveu um dos períodos mais importantes e conflituosos do país, o processo da unificação italiana. O ano era 1858. Nisia tinha quase 48 anos quando decidiu sair de Paris e estabelecer-se na Itália. Durante todo esse tempo, a potiguar se dedicou a escrever um diário de viagem que mais tarde tornar-se-ia uma das suas mais importantes obras. Um documento histórico. Escrita em francês, *Trois ans en Italie* (Três anos na Itália) aborda a crise política, econômica e social dum país em guerra. Mas o diário vai além disso. Nisia é uma cronista minuciosa, narra perfeitamente os ambientes da época, fala com detalhes das estradas, das igrejas, das pessoas, dos conflitos, de todos os locais que passa. É a descrição da Itália por uma visitante estrangeira que narra além do ambiente a saudade da sua terra, dos seus parentes.

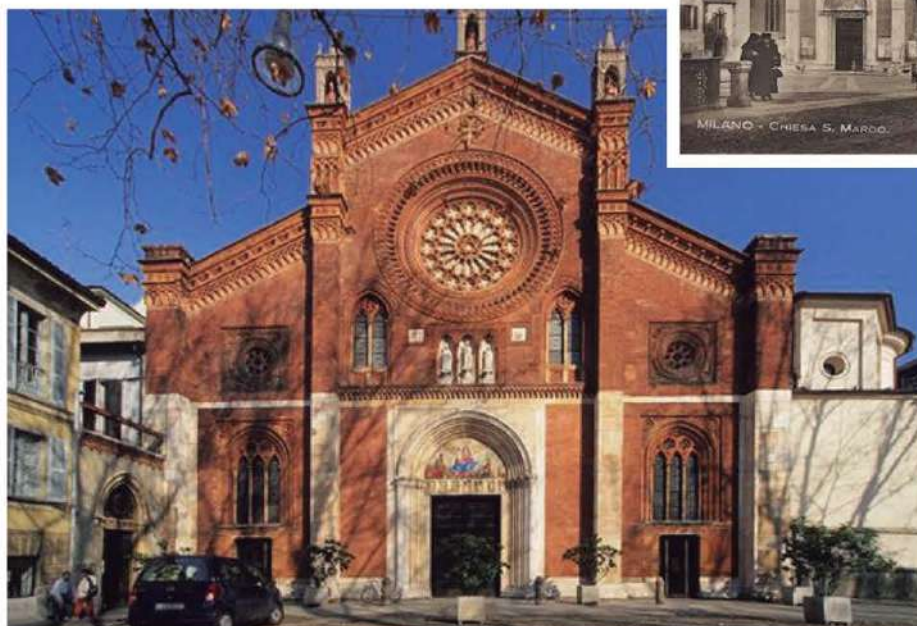
Brera, em Milão,
o bairro de
escritores, poetas,
pintores. Quando
esteve por Milão, a
escritora potiguar
viveu nesse bairro



Foto da época do bairro onde ela morou



Igreja de Sao Marcos
(San Marco), paróquia
frequentada por Nísia



Nísia nas bibliotecas italianas

Como jornalista, sempre admirei o pioneirismo da escritora e, morando na Itália há treze anos, aproveitei para investigar a vida dela por aqui, seguindo os seus passos através de sua obra. Desconhecida pela maioria dos brasileiros, a escritora potiguar, autora de quinze livros, é nome presente em muitas bibliotecas da Itália. Em cidades da Toscana e do Lácio, encontrei livros da autora escritos em francês. Ela também deixou sua obra na biblioteca de Messina, na Sicília. Nísia se apaixonou pela cidade siciliana e decidiu morar lá por um bom período. E é em Messina que ela assiste o início da guerra da unificação italiana.

Em sua passagem por Roma, onde viveu por um período, faz o relato em seu livro-diário sobre a festa da Semana Santa na capital italiana, descrevendo os detalhes



Em Roma, Nísia Floresta teve audiência com o Papa Pio IX



Capela Sistina

da sua visita pela Capela Sistina, Basílica de São Pedro, narrando a multidão de peregrinos presentes na praça. Nísia fica impressionada com a beleza do Capitólio. Um fato importante desse período foi o encontro que teve com o papa Pio IX (Giovanni Maria Mastai Ferretti). Talvez ela tenha sido a única potiguar a ter tido audiência com esse papa, famoso por ter tido um dos pontificados mais longos da história da Igreja Católica, 31 anos. É na região do Lácio que ela vê as primeiras linhas férreas sendo inauguradas na Itália.

Outra coisa que merece destaque é a descrição de sua visita a casa onde nasceu, em 1265, o escritor da Divina Comédia, Dante Alighieri, na cidade de Florença. Ele é considerado o “pai da língua italiana”. O estilo medieval encanta a feminista. Ela ainda narra a passagem na Casa-Museu do também escritor Giovanni Boccaccio, autor do *Decameron*, localizada em Certaldo, na zona metropolitana da capital da Toscana. Ela passa a conhecer mais a região e depois decide morar na cidade de Florença.



Casa- Museu de Dante Alighieri, em Florença. Nísia descreve-a no seu livro *Trois ans en Italie*



Estátua do escritor Alessandro Manzoni, em Milão. Amigo de Nísia Floresta



Casa do escritor Alessandro Manzoni no bairro de Brera, em Milão, onde Nísia Floresta foi recebida



Amiga de Giuseppe Garibaldi

A escritora potiguar foi uma incansável visitante pela Itália, de norte a sul. Conheceu inúmeras igrejas, bibliotecas, museus, instituições de caridade, escolas e universidades. Em algumas delas deixando um exemplar de sua obra. Mas, o maior marco dela foram as amizades que conseguiu fazer. Um fato marcante foi o seu encontro durante a guerra de unificação com o maior protagonista da história da República Italiana: Giuseppe Garibaldi. Nísia foi amiga de Garibaldi ainda no Brasil, quando ambos moravam no Rio

Grande do Sul. Ele, que participou da Guerra da Farroupilha, liderou na Itália tropas no sul do país para acabar com a monarquia da época e unificar a península.

Em todo o período que viveu em terras italianas, a educadora ganhou prestígio e respeito entre os grandes escritores da época. Principalmente quando ela própria decidiu traduzir seus livros para o italiano. Nísia Floresta, além do português, falava francês, italiano, inglês e alemão, numa época em que as mulheres não podiam estudar e nem votar.

Em Milão, conheceu Alessandro Manzoni, autor de um dos maiores clássicos da literatura italiana, *I Promessi Sposi*. O escritor conheceu a obra de Nísia e fez elogios publicamente em jornais da época. Manzoni também foi senador da Itália e membro de uma das famílias mais nobres e ricas da capital lombarda. As críticas positivas de Manzoni fizeram com que outros famosos passassem a conhecer a obra da feminista, como o piemontese Massimo Tapparelli Marchese D'Azeglio (escritor, pintor e político). Em Turim, a escritora torna-se sua amiga.

Atraiu a Igreja Católica

E a fama na região do Piemonte chegou até à Igreja Católica. Outra façanha que autora conseguiu na Itália foi, logo após traduzir o livro *Conselhos a Minha Filha* (*Consigli a mia figlia*), que sua obra fosse recomendada pela própria Igreja Católica, através dum bispo da cidade de Mandovi, na região do Piemonte, norte da Itália. O bispo recomendou que o livro fosse distribuído nas escolas, pelo alto valor educador. Podemos dizer que a brasileira conseguiu agradar “gregos e troianos”, monarquistas e republicanos. Nísia não entrava nos conflitos, apenas narrava os acontecimentos da época e emitia a sua opinião. A obra *Um diário de viagem à Itália* é uma grande crônica. E é a partir desse livro escrito aqui na Itália que passamos a conhecer um pouco mais da vida privada da potiguar e de seus dois filhos.



Catedral de Messina, onde Nísia Floresta e sua filha Livia assistiam missas em latim

Através de minhas aulas, consegui despertar o interesse de meus alunos italianos. Curiosos, eles decidiram pesquisar mais sobre a escritora potiguar pelas bibliotecas do país. As investigações, embora difíceis, renderam quatro apresentações finais de curso. Livros da autora achados em algumas cidades. A advogada Antonella Pettilli, minha aluna, se transformou na maior pesquisadora sobre a vida

de Nísia Floresta na Sicília. Ela hoje troca informações e correspondências com a professora mineira Costância Duarte, a maior pesquisadora sobre Nísia Floresta no Brasil. Para Antonella, natural de Messina, sua cidade está honrada em ter sido uma das casas da escritora potiguar na Itália. Para mim, potiguar de nascimento, é uma felicidade em ver estrangeiros valorizando a maior escritora do meu estado.

Falta de incentivo no RN

Tento há anos fazer um documentário sobre a vida de Nísia Floresta aqui na Europa. Tenho um sonho de um dia exibí-lo em todas as escolas públicas do Rio Grande do Norte. De mostrar aos estudantes potiguares a importância dessa escritora fora do Brasil. Uma mulher nascida há mais de 200 anos que se fez respeitar e que

quebrou todos os tabus dum século altamente conservador.

Com um roteiro pronto em mãos para fazer um resgate histórico num documentário, nunca obtive resposta das instituições públicas do Rio Grande do Norte. Sempre encontrei o silêncio do Estado, que nunca valorizou em grandeza a sua filha mais importante. Espero

que um dia isso possa mudar. Dar o nome de Nísia Floresta Augusta Brasileira a um logradouro ainda é ínfimo para o grande valor que a escritora representa.

Hoje meus alunos italianos aplaudem a potiguar defensora das mulheres, dos escravos, dos índios... mas que foi esquecida por sua própria terra.

Com a sua Rolleiflex, Jaeci contribuiu para eternizar o verso de Tom Jobim

O DONO DAS LENTES

Ele fez os maiores registros da capital potiguar, eternizando as belezas e os casarões de outrora. Empreendeu e foi grande galanteador. Curtiu intensamente a vida social. Hoje vive totalmente recluso

Por Por Cícero Oliveira

Fotos: Jaeci Galvão e Acervo pessoal

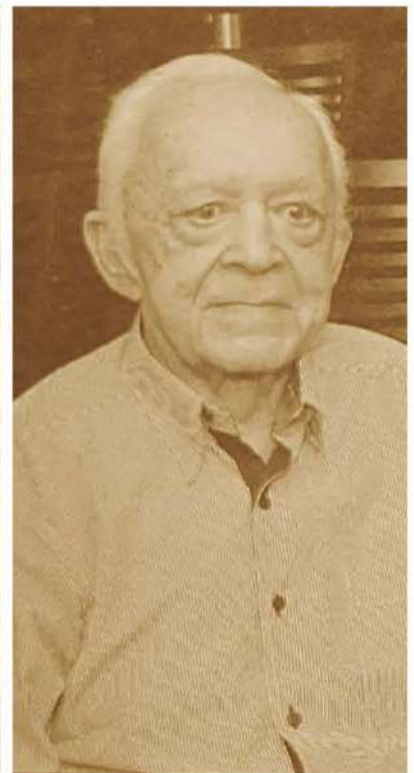
PARA O LEITOR MENOS atento, a história de Jaeci Galvão pode até parecer o roteiro de algum blockbuster hollywoodiano, em função da vida agitada que levou. A sua biografia poderia ser facilmente comparada a alguém do quilate de Hemingway. Foi um fotógrafo talentoso e de gosto refinado, empresário ousado, amante dos esportes e da aventura e levava uma vida amorosa e social intensa.

Jaeci Emerenciano Galvão nasceu na cidade de Natal em 5 de julho de 1929. O nome escolhido para o quarto filho do casal Jaime Coelho Galvão e Cecília Emerenciano Galvão, carinhosamente chamada de Ceci, era a fusão de partes de seus primeiros nomes. O panorama econômico mundial poucos dias após seu nascimento era o da Grande Depressão, com os Estados Unidos enfrentando o pior momento de sua economia ao longo do século passado. Com os preços das ações de empresas americanas despencando, a quebra da bolsa de valores de Nova York torna-se inevitável. Este cenário de convulsão econômica também atinge o Brasil, que possuía uma economia lastreada, principalmente na cultura do café.

É nessa conjuntura que Jaeci vive a sua infância, em Natal e na cidade de Penha, atualmente Canguaretama, ambas no Rio Grande do Norte, em função da nomeação de seu pai para trabalhar na coletoria estadual naquele município. Por não demonstrar muito gosto pelos estudos, ainda criança é levado de volta à capital potiguar para morar na casa de tios e recomençar os estudos no Atheneu Norte-Riograndense.



Ainda criança, iniciando relação duradoura com a fotografia



Atualmente com 87 anos e saúde debilitada, Jaeci mora no bairro de Ponta Negra



O filho Fred Galvão seguiu a carreira do pai

Alguns anos depois, quando Jaeci já era adolescente, a família voltou a morar também em Natal e, nesse momento, após perceber que o filho continuava pouco interessado nos estudos, mas que cultivava gostos refinados, Dona Ceci incentivou-lhe a começar a trabalhar para ganhar algum dinheiro, o que lhe permitiria satisfazer as pequenas vaidades. O conselho materno foi prontamente aceito pelo rapaz e dessa forma sua mãe providen-

ciou a compra de uma câmera fotográfica, por intermédio de seu irmão Alfeu Batista Emerenciano, funcionário da Base Naval de Natal, o qual encomendou o equipamento a um colega militar que frequentemente viajava para fora do país. Com apenas 14 anos, mesmo de maneira tímida, Jaeci começou a fotografar profissionalmente. Nesse momento passou a aflorar no garoto o espírito empreendedor e aventureiro que o acompanhou por quase

toda vida.

A essa altura Natal já respirava o clima da Segunda Guerra Mundial, os americanos se instalando em Parnamirim, a Praça Pedro Velho sempre frequentada por moças e rapazes ávidos pelo ambiente da paquera. Tudo isso serve de inspiração e incentivo a Jaeci, que, educado e cativante, começa a cultivar uma vasta rede de relacionamentos sociais que o acompanhou quase que de forma permanente.



Aero Club



Palácio Frei Miguelinho: Antiga Escola de Serviço Social de Natal, hoje sede da Câmara Municipal



Av. Atlântica, hoje Av. Getúlio Vargas



Praia de Areia Preta

Acervo fotográfico invejável

O empreendedorismo do jovem fotógrafo o levou a fazer desde os trabalhos mais agradáveis, fotografando jovens casais de namorados na Praça Pedro Velho, aos mais complicados, como o registro de anjinhos e suas famílias enlutadas, ou mesmo as cirurgias realizadas no navio hospital Hope. Tanta dedicação ao trabalho rendeu um rápido reconhecimento profissional e uma carreira invejável. Em uma época em que Natal possuía poucos fotógrafos renomados, aprendeu o ofício praticamente sozinho, sempre atento à evolução tecnológica dos equipamentos, e em pouco tempo montou seu primeiro estúdio fotográfico.

Por meio do amigo e jornalista Paulo Macedo, decano do colunismo social de Natal, passou a fotografar diversos eventos sociais, como os badalados concursos de misses e desfiles de moda. Segundo Macedo, “Jaeci foi o único fotógrafo a conseguir registrar o lançamento do primeiro foguete na Barreira do Inferno, o Nike Apache, em 15 de dezembro de 1965. Todos os outros fotógrafos se assustaram com o estrondo gigantesco proveniente da explosão, alguns chegaram até a cair. Gervásio Baptista, fotógrafo renomado da Manchete, também perdeu a foto, e a revista publicou o registro feito por Jaeci”.



Os concursos de misses ajudaram a projetar Jaeci Galvão também como fotógrafo de eventos sociais



Paulo Macêdo, colunista social

Cícero Oliveira

Um de seus filhos, o também fotógrafo Fred Galvão, nos conta que “ele atuou como fotógrafo dos governadores Aluizio Alves e Monsenhor Walfredo Gurgel, além de ser o preferido da Escola Doméstica de Natal, onde contava com a amizade e confiança da diretora, Dona Noilde Ramalho. Clicou a visita do senador americano Bob Kennedy a Natal, além dos presidentes Café Filho, João Goulart e tantos outros políticos”. Fotógrafo de diversos casamentos das famílias mais abastadas da cidade, registrou como poucos de sua época o cotidiano da capital, o que lhe rendeu um rico documentário imagético, de significativo valor histórico. Ao longo de sua vida profissional, construiu um acervo fotográfico realmente grandioso.



Nike Apache, o primeiro foguete lançado da Barreira do Inferno



João Goulart, Aluizio Alves e Miguel Arraes também foram clicados por Jaci



Empresário vanguardista

Jaeci Galvão demonstrou desde muito jovem que, além de bom fotógrafo, também era um homem de negócios. Com espírito empreendedor, procurou sempre inovar e trabalhar com equipamentos atualizados. Mesmo de forma intuitiva, realiza um ótimo marketing pessoal, promovia excelente relação com os seus clientes.

O estúdio fotográfico cresceu, os clientes aumentaram, e ele diversificou suas atividades empresariais. Na década de 1960, o Studio Jaeci também passou a comercializar equipamentos fotográficos, além de inaugurar um setor destinado à música, onde dispunha de equipamentos de som, fitas cassetes e discos de vinil. Com as vendas sempre crescendo, algum tempo depois inaugurou sua nova loja, Ótica Cine Foto Som Jaeci,



O nome Jaeci tornou-se sinônimo de qualidade em fotografia

Na Rua João Pessoa, Centro, onde atualmente funciona a loja da Editora Paulinas, com modernas instalações climatizadas e uma gama de produtos cada vez maior.

Além da loja na Rua João Pessoa, outros empreendimentos se sucederam: a locadora de automóveis Speed, cujo nome era uma alusão à paixão pela velocidade; o transporte de malotes de documentos bancários para processamento no Recife; a

abertura da Boate Psiu, localizada na futura Avenida Engenheiro Roberto Freire. E por fim, a mudança da loja da Rua João Pessoa para a Avenida Afonso Pena, onde inicia também a atividade de locação de filmes em vídeo cassete. Contudo, a essa altura, Jaeci já colecionava alguns insucessos financeiros e o peso dos anos não era mais tão suave, fazendo com que esse último negócio tivesse uma duração muito curta.



Jaeci construiu um acervo fotográfico de relevância histórica para Natal, como a antiga ponte de ferro sobre o Rio Potengi

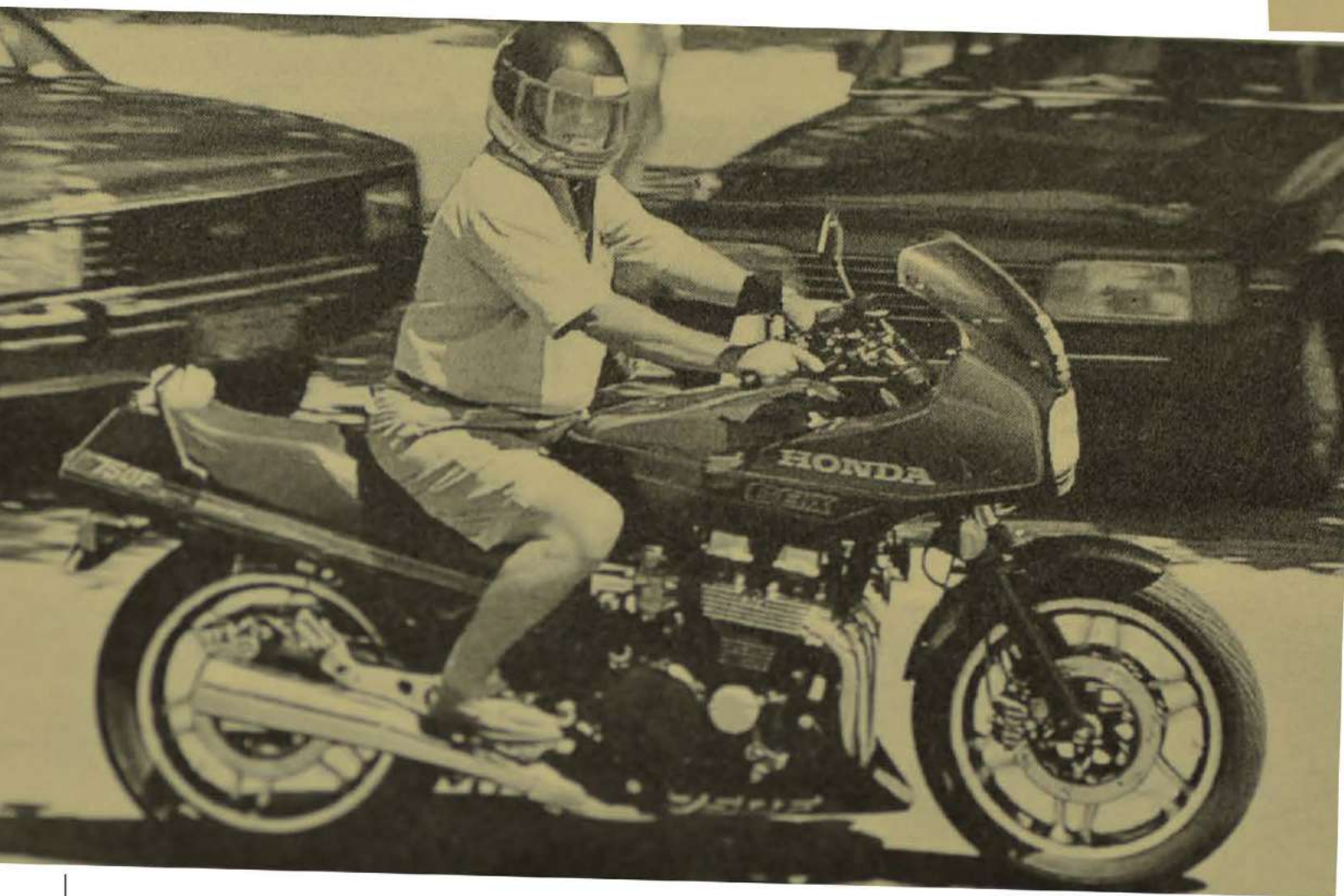
Vida social intensa

Ao mesmo tempo em que prosperava nos negócios, Jaeci Galvão também era conhecido pela agitada vida social. Ainda segundo Fred Galvão, “ele desfrutava da amizade de inúmeras pessoas de grande influência na sociedade potiguar, e participou da fundação de vários clubes e associações”. Dedicou-se apaixonadamente ao Iate Clube de Natal, participando ativamente da

sua fundação e direção, chegando, inclusive, a ser Comodoro, nos anos 1980. Atuou como diretor e conselheiro do America Futebol Clube, com presença marcante nas atividades do Clube de Rádio Amadores do RN. Também foi fundador do Cine Foto Clube de Natal, que contava com a participação de Lolita, Waldemir Germano, Grevy, José Seabra, Jorge Mário, Carlos Lira, Evaldo Ribe-

ro, todos fotógrafos renomados e contemporâneos de Jaeci.

Também era um aficionado por esportes e por velocidade. Sempre possuiu carros e motocicletas possantes, chegou a participar de competições automobilísticas. Possuía brevê para pilotar pequenos aviões, adorava voar de ultraleve e, durante muito tempo, teve uma relação íntima com os esportes náuticos.





O esporte, a velocidade e a aventura sempre estiveram presentes no cotidiano do fotógrafo

Relacionamentos complexos

Assim como nos negócios e na vida social, as relações amorosas também foram igualmente intensas. Reconhecidamente namorador, casou-se pela primeira vez, muito jovem, com Albanisa Alves, com quem teve quatro filhos. O segundo matrimônio foi com Loinha Gurgel, com quem teve outros quatro filhos. Em seguida, manteve relacionamentos com Maria do Rosário Ferreira, Neide, Josina e, ao todo, foram 10 filhos biológicos

e um adotivo. Uma característica comum foi a efemeridade dos relacionamentos.

A fama de galanteador e os amores secretos contribuíam para a instabilidade dos casamentos, além de ajudar no desmonte do patrimônio que construiu ao longo da vida. Outro fator que contribuía para a fugacidade amorosa era a parcela de tempo excessiva que dedicava às outras atividades, reservando talvez atenção insufici-

ente à família.

Atualmente com 87 anos e a saúde debilitada, Jaeci vive sob os cuidados da companheira Josina e do filho caçula, no bairro de Ponta Negra, um dos cenários de seus cartões postais. Vive um ocaso discreto, quase sem amigos e totalmente recluso, talvez por consequência das escolhas que fez na vida, mas incoerente com o desfecho cinematográfico que desejávamos ver.



FERNANDO ROCHA DE ANDRADE
Procurador da República no Rio
Grande do Norte

A pandemia e o Ministério Público

Segundo o desenho constitucional, coube ao Ministério Público a primordial função de defesa da ordem jurídica, do regime democrático, do Estado de Direito e dos direitos e garantias fundamentais. No contexto da pandemia esse mister constitucional se reparte concretamente em dois: a) a defesa do Sistema Único de Saúde; b) a garantia aos cidadãos ao acesso universal e equânime aos serviços de saúde pública.

Como consequência do primeiro dever, impõe ao Ministério Público Federal preservar o financiamento do sistema de saúde, adotando todas as medidas jurídicas necessárias, dentro da reserva do possível, para que não falem recursos financeiros suficientes à efetiva promoção da saúde, seja exigindo dos gestores o incremento progressivo dos recursos, seja otimizando-os, evitando que os administradores públicos os desviem ou ainda realizem gastos desnecessários.

O financiamento da saúde, portanto, é um dever constitucional atribuído aos gestores públicos cujo implemento incumbe substancialmente ao Ministério Público monitorar. Defender o SUS, no contexto da pandemia, ainda, significa que o Ministério Público cumpre zelar para que não haja a sobrecarga do sistema, defluindo daí a sua legitimidade para proteção dos profissionais da saúde, bem como a adoção de medidas que evitem a propagação da doença, impondo, por exemplo, dentro do que dispõe a Lei 13.979/2020 (lei de enfrentamento ao COVID-19), aos gestores que implementem o isolamento social, a quarentena e o uso de máscaras aos cidadãos.

Essas medidas a serem defendidas pelo Mi-

nistério Público, dentro de sua função constitucional, para além de evitar a propagação da doença, de internações e mortes, preservam substancialmente o funcionamento do serviço de saúde pública contra sobrecarga por demandas absolutamente evitáveis. Compete, por fim, ao Ministério Público o caro ônus constitucional de exigir que o sistema público de saúde, dentro do estado da arte da ciência, promova o acesso universal e equânime de tratamento e procedimentos médicos efetivamente eficazes e capazes de prevenir, tratar e curar quem eventualmente se acometa do COVID-19.

Por isso que deve o Ministério Público não só implementar medidas jurídicas, dentro de suas atribuições constitucionais, para que o estado forneça de forma universal e isonômica vacinas, tratamentos e medicamentos no contexto do enfrentamento da pandemia, mas também para inibir que o gestor público adquira, indique ou forneça fármaco ineficaz ou prejudicial à saúde do cidadão. O gasto aquém e além do necessário pode inclusive importar em responsabilização criminal e por atos de improbidade administrativa do gestor pela incúria.

Em suma, inserto no espectro dos deveres constitucionais atribuídos, no grave contexto da maior pandemia jamais vista dos últimos cem anos, assume o Ministério Público brasileiro a função essencial não só de preservar o funcionamento eficiente do Sistema Único de Saúde, elidindo sua sobrecarga indevida – conforme os instrumentos de contenção legalmente previstos –, como também garantir ao cidadão de forma equânime e universal o acesso aos procedimentos médicos eficazes, segundo a ciência, para debelar a doença.



Registro de Incorporação N. 7376 - Matrícula: 78, Fls. 197/199 - Premotação N. 15.144 - Datado: 11/11/2019
Registro Notarial de Touros/RN

Informações sobre o *Petit Condomínio* **84 3693.2027**

Rua Principal, 05 - Praia de São José - Paraíso do Gostoso - Touros/RN - CEP: 59.584-000
reservas@pousadaspadosamores.com.br

www.pousadaspadosamores.com.br



**Mais de 200 revistas por apenas
R\$ 22,90/mês.**



GoRead oferece acesso ilimitado a revistas de todos os segmentos. Você pode ler no seu smartphone ou tablet, ou baixar para ler quando quiser, mesmo offline.

GoRead. As melhores revistas em um único app.

EXPERIMENTE
30 DIAS GRÁTIS

Acesse **goread.com.br**
ou baixe o aplicativo.

